

AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA"
12/10/941 publicado semanalmente, sob a orientação de Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Num. 9

CASIMIRO DE ABREU

Se a vida de um escritor mo influência viva da nos- mente permanecem em não cessa quando ele morre: a poesia pelos atuais poe- nosso espírito — e quase re, e persiste na influência das brasileiros? Cremos diríamos em nossa sauda- clara ou disfarçada que ele que nenhum. O próprio de, tanto ele continua vivo continua a exercer sobre Alberto de Oliveira, com o — é Casimiro de Abreu. as gerações que se seguem seu sentimento imenso da Seus oito anos andam, aqui à sua — cremos que Casi- natureza, o próprio Olavo e ali, repetidos, lembrados, roiro de Abreu continua a Bilac, com o seu ardente glosados, a todos os ins- ser um dos autores mais sentimento do amor car- tantes, por todos os poetas. vivos do Brasil. nal — não parece que se Fórmulas suas, frases que

O romantismo lá se foi, tenha criado deles para os ele construiu sem a mini- ssmo dúvida, há meio sé- atuais poetas, nenhuma ma preocupação de fazer culo, com os seus lugares corrente mais íntima de qualquer coisa para a pos- comuns irremediáveis, a compreensão mais profun- deridade, ai estão, quase sua mole poesia sem for- da. Dos outros parnasia- transformadas em ditados, ma, a sua diluída prosa nos, podemos dizer o mes- e todos os dias relembran- sem ossos. Mas alguns dos mo, e com razão infinita- das por poetas ilustres.

escritores românticos fica- mente maior. Idêntica se-

ram, e ficaram pela expres- paração sentimos entre eles morreu há oitenta anos é siva contribuição pessoal e os simbolistas — todos um valor permanente, e,

que trouxeram — contri- os quais estão hoje num tanto quanto podemos sen- buição de idéias, de senti- esquecimento talvez sem tir, atual.

Enfim: esse rapaz que

mentos, de emoções ou de remedio. Desse esqueci- nento nem mesmo Cruz e Souza se salva, e apenas Alfonso de Guimaraens vai sobrenadando, pela esplendi- da contribuição pessoal do seu talento incompara- vel de poeta.

Seria curioso verificar como os poetas modernos do Brasil reivindicam para si uma filiação romântica, desprezando os estágios intermediários de nossa poesia. Não é preciso citar nomes; mas é facilímo ver como cada um deles — dos mais representativos — ma, que os poetas modernos procuram aproximar-se ora nos não tem com os simbolistas nem com os par- do, adotando desse estreitamento, tem-na com os

nho poeta até o título dos românticos. livros, ora de um Fagundes Varela, cujo sabor brasilei- românticos — um Gonçal- ro de linguagem é por to- yes Dias, um Azevedo, um dos proclamado, ora de Varela, um Castro Alves um Casimiro de Abreu, — vivos, em nossa imagi- cuja poesia dolorida está nação e em nosso espírito. no mais profundo da nos- Algumas das fórmulas se alma.

Seria motivo talvez pa- poetas de hoje são vindas ra um curioso inquérito, diretamente do arsenal ro- que deveria ser procedido místico. Os anjos, que en- entre os nossos poetas chem as páginas dos mo- atuais mais representati- dísticos, as exclamações, vos — a questão de saber- as invocações a Deus, — mos quais as afinidades lá estão, nas páginas dos que a nossa poesia de hoje que eram rapazes em 1850 tem no passado.

A parte Raimundo Cor- as virgens, que enchem a- ria, pela sua filosofia, e poesias de todos os româ- por um tal ou qual re- ticos, são talvez as mes- plexo do simbolismo que mas que hoje andam por nele já pudemos desco- nossas encruzilhadas poéti- brir; à parte também Vi- cas, e que agora se batissante de Carvalho, de cujo ram com os nomes de Lu- lirismo espontâneo senti- ciana, Esmeralda, Ariana, mos tantas ressonâncias Bilú, Das Dores, Senhor- em nosso espírito — qual nha... dos nossos chamados par- Entre esses românticos, nassianos seria indicado co- um dos que mais forte-



CASIMIRO DE ABREU

SUMÁRIO

PAGINA 146:

— Casimiro de Abreu
— O mais ingênuo dos nossos poetas, de Manuel Bandeira (da Academia Brasileira)

PAGINA 147:

— O poeta das "Primaveras", de Teixeira de Melo
— No Jardim público de Casimiro de Abreu, de Carlos Drummond de Andrade

PAGINA 148:

— Casimiro de Abreu na opinião de Camilo Castelo Branco
— Atualidade de Casimiro, de Maria Eugênia Colombo
— Retrato de Casimiro de Abreu
— Busto de Casimiro de Abreu, existente na Academia Brasileira

PAGINA 149:

— Estudo sobre o poeta das "Primaveras", (Prefácio das Obras de Casimiro de Abreu), de Souza da Silveira

PAGINA 150:

— A vida e a poesia de Casimiro de Abreu, de Silvio Romero

PAGINA 151:

— Casimiro de Abreu em face do Modernismo Brasileiro (carta de Ribeiro Couto a Carlos Drummond de Andrade)
— O esquilito cantor da saudade, de Ronald de Carvalho

PAGINA 152:

— A poesia de Casimiro de Abreu: No Lar — Moreninha — O que é simpatia — Meus oito anos

PAGINA 153:

— Retrato de Casimiro de Abreu com sua Irmã Albina
— Correspondência de escritores. Carta de Casimiro de Abreu a sua Irmã Albina

PAGINA 154:

— Recado para o brasileiro Casimiro de Ribeiro Couto (da Academia Brasileira)
— Estudo sobre o poeta das "Primaveras", de Souza da Silveira (continuação da página 148)

PAGINA 155:

— A prosa de Casimiro de Abreu: A Virgem Loura. Páginas do coração
— Galeria de nomes ilustres
— O poeta das "Primaveras", de Teixeira de Melo (conclusão da página 146)

PAGINA 156:

— O nubilo Casimiro, de João Alphonso
— Celebrando Casimiro de Abreu, de Goulart de Andrade

PAGINA 157:

— Páginas dos Autores Mortos:
1 — A casa da rua Cosme Velho, nº 48, antigo 18, de Oliveira Bilú

2 — A Carta (Da Nossa Morte), de Alberto de Oliveira

3 — Espigas históricas — Raimundo Corrêa, de D. Funes
4 — Lembrança de Petrópolis, de Raimundo Corrêa

PAGINA 158:

— Da correspondência de Casimiro de Abreu. Carta a seu amigo Francisco do Couto Souza Junior, residente em Porto das Caixas

— A vida e a obra de Fagundes Varela, de Paulino Neto (da Academia Fluminense de Letras)

— A vida e a poesia de Casimiro de Abreu, de Silvio Romero (continuação da página 149)

— Celebrando Casimiro de Abreu, de Goulart de Andrade (continuação da página 155).

PAGINA 159:

— Bees, poema de Afonso Schmidt, (com ilustração de Santa Rosa)

— Túmulo de Casimiro de Abreu, no cemitério de Barra de S. João

— Uma questão de Mitoologia nas "Casas Chilenas", de Joaquim Ribeiro.

PAGINA 160:

— O poeta do amor e da saudade, de José Veríssimo

— Soneta, de Leão de Vasconcelos (com ilustração de Santa Rosa)

— Casimiro de Abreu em face do Modernismo Brasileiro (conclusão da página 150)

— Efemérides da Academia

PAGINA 161:

— Poemas em prosa, de Murilo Mendes

— O esquilito cantor da saudade, de Ronald de Carvalho (conclusão da página 150)

— Página do Dia: A influência do clima na vida moderna, de Antônio Machado

— Uma pensie para a Irmã do poeta

— As "Primaveras", de Justino José da Rocha

O POETA DAS «PRIMAVERAS» - Teixeira de Melo

Na última edição (1880) das *Efemérides Nacionais*, escrevi na data de 4 de Janeiro de 1837:

— Nasce o melodioso poeta, tão prematuramente roubado às laurças que o esperavam e a que tinha incontestável direito. Casimiro José Marques e Abreu, mais conhecido pelo seu nome de batismo e último apelido, que ele soube fazer importar.

Nasceu esse nosso infeliz poeta na vila da Barra de São João, município de Macacá, província do Rio de Janeiro. O nome dessa vila tem sido muitas vezes confundido com o de São João da Barra, cidade da mesma província.

No acreditado colégio de Nova Friburgo, dirigido pelo benemérito instrutor da mocidade brasileira, o ilustrado inglês John Henrique Preese, onde completava Casimiro os seus estudos de humanidades, compôs o menino destinado para a glória os seus primeiros versos que denominou *Ave Maria!* inspirados de súbito pela sombria majestade da Serra dos Órgãos, casada à saudade do lar materno e à tristeza agride que produz nas naturezas impressionáveis o cair da tarde em céu americano: tinha então quinze anos de idade. Seu pai, porém, homem pratico, avesso a essas sagacidades da poesia e filigranas do sentimentalismo, que não podia compreender o que não tem desconto nem cotação na praça, retirou-o do colégio no fim de dois anos, e, depois de o ter, por alguns meses, em sua casa comercial no Rio de Janeiro, mandou-o em novembro de 1853, para Portugal, sempre com a ideia de fazer dele um negociante.

O menino poeta compriu o mais que pôde a sua vocação para as letras: mas a força da natureza venceu o respeito, sobrepujou o temor da censura paterna, e lá compôs ele uma cena dramática, tendo por objeto e título *Camões e o Jau*, que foi representada em 18 de Janeiro de 1855 no teatro D. Fernando, e a sua *Cancão do Exílio* e outras. Daí datam os seus triunfos. Ali começou também a se desenvolver nele o germe da fatal moléstia pulmonar, que o devia arrebatar tão moço da cena do mundo. Foi de novo chamado (em 1857) para o Brasil e de novo lançado no comércio. Nas horas que podia furtar às suas obrigações e à vigília paterna escreveu ele a maior parte das composições poéticas que constituem o volume a que denominou *Primaveras*, que foi publicado em 1859, ainda em vida do poeta, e que tem sido depois de tantas edições sucessivas, aqui e em Portugal, tal e tão "adida" na reputação que ele lhe grangeara. Enfim, depois de um viver atribulado e de todo travado de contrariedade, sucedeu o harmonioso poeta na fazenda paterna, em Indaiássia, a 18 de outubro de 1860, com pouco mais de 22 anos de idade, deixando suas desconsoladas mãe e irmãs orfãs do seu amor. Seu pai tinha falecido antes, inteiramente reconciliado com o filho e em seus braços.

Casimiro de Abreu é uma das puras glórias literárias. E o poeta mais popular da geração contemporânea: conquistou o lugar de honra que ocupa — sem ruído, sem estrépito, sem lutas pelo piano suave da mansidão e da meiguidade. Pela espontaneidade e naturalidade dos seus cantos; vê-se que tinha diante de si um grande futuro como poeta lírico; o seu livro denuncia uma decidida vocação para esse gênero de poesia.

Reposa na localidade em que nasceu, ao lado da sepultura do seu pai.

A propósito da edição das

susas obras completas, com treze poesias inéditas, dada em 1884, no Rio de Janeiro, pelo sr. dr. Joaquim José de Carvalho Filho, escrevi na *Gazeta Literária* deste ano:

Dos poetas da geração contemporânea, nenhum tem tido as horas de tão repetidas impressões como o malaventurado poeta fluminense. E' que ele, depois de Gonzaga, foi o que conseguiu falar a maior número de corações e menor soube vibrar a corda do sentimentalismo popular, pairando em certa esfera, não se elevando nem descendo, de tal modo que ficasse insuficiente para um pouco deficiente, nem inteligível para outros por superior. Foi o porta do seu tempo: o lugar que ocupa na literatura nacional conquistado ele do modo mais legítimo e suave, de paixão, sem luta nem esforço, pela fluência do ritmo, naturalidade da "presença" e pureza do sentimento. Sem se aliar às rigidez inacessíveis, não desceu no trivial e comum.

Nem Alvares de Azevedo, que entretanto possuía um fundo de erudição admirável para a sua idade e a quem nada era estranho do que então contava de mais adiantado a literatura europeia, mereceu tais honras. Casimiro de Abreu não se abalou a plantar-nos essas comodidades violentas com que algumas das suas sucessoras abalaram a atmosfera do sentimentalismo social e que tão ao seu sabor parece terem sido: porque a sua natureza era meiga e sofredora como a da donzela recatada, que não sabe revolter-se contra as injustiças do mundo e as exigências despoticas do meio em que lhe foi dada viver.

A sua poesia, fluente e harmônica, é do coração que canta o que sente e sente o que canta: não a do cérebro inacessível e doentio, que exagera tudo que passa pelo seu cadinho e exprime no verso, nove vezes em dez, antes o que lhe parece ou devia sentir do que o que na realidade sente.

Não obstante os altos esforços da poesia moderna, no intento de substituir o sentimento pela imaginação, fazendo falar o cérebro em vez do coração rendilhando a frase, alcançando o estílo; Casimiro de Abreu não se satisfaz por muito tempo ainda à parte da sociedade brasileira que abre um livro de versos e se deixa mais com a sua leitura do que com a de *Deve e haver*.

Creio que as treze poesias novas edicionadas à presente edição não lhe aumentam nem diminuem o valor e o mérito como poeta. Sempre me pareceu perigoso para a reputação dos autores, cedo arrebatados pela morte, esse escavar em rincas, esse tal ou qual prurido (perdoe-me o douto biógrafo), esse prurido de acrecentar alguma coisa ao que o autor já deixara feito. As obras que em vida publicava sofreram sem dúvida a seleção criteriosa do autor, que nos teria dado tudo o que escreveu se tivesse achado tudo que escreveu digno da publicidade. Felizmente para Casimiro de Abreu, com a presente edição não se fizeram revelações inconvenientes, a não ser, afé certo ponto, os alexandrinos da peça intitulada "A um poeta", de que já falou com tanta sensatez a *Gazeta de Notícias*. O pensamento da poesia em questão não desmerece do autor: na verem tem rigorosamente o número de sílabas exigido pela "Arte poética", a contar-se pelos dedos; mas a medir-se pelo ouvido, na maioria deles a cisão da metade da caixa verso para o resto faz-se no final da palavra, ficando destacado o acento predominante, cortado a sílaba tônica, e o verso portanto desgracioso e man-

deve entretanto o belo da ideia redimir a imperfeição da forma.

Do mesmo defeito se ressentia a que tem por título "No alívio de uma senhora".

Em abono da verdade parece-me poder assegurar que não me é desconhecido o final daquela poesia:

O nosso patrimônio existe na sabedoria.

Quem sabe se não seria o próprio poeta quem algumas vezes recitou, pois tive a fortuna de o conhecer?

Era de mediana estatura, cheio de corpo, moreno, de um moreno delicado e aveludado como a penugem do péssegos; cabelos pretos, corredos sem barba, apenas um leve bigode, pouco mais que uma nuvem de buço; bem proporcionado de formas, de modo que toda roupa lhe assentava bem.

Quanto à sua vida íntima, nos profundos dissabores que lhe amarguravam e minavam a existência, só os conheci quando, morto o poeta, os jornais os revelaram. E como "fazer confidências" em uma "república" de estudantes?

José Joaquim Cândido de Macedo Júnior e Gonçalves Braga (conheci-os também pelo mesmo tempo), amigos mais chegados do poeta, tiveram de certo conhecimento dos seus sofrimentos íntimos, partilharam os seus segredos; mas falecidos antes dele, levaram-nos consigo para o insondável.

O retrato de Casimiro de Abreu que acompanha algumas das edições das "Prima-

veras", tem apenas remotos traços da simpática e meiga fisionomia do poeta. Foi ainda assim um pouco mais feliz, nesse particular, do que um outro ilustrado representante da poesia fluminense, Laurindo Rabelo, cujo retrato de modo nenhum representa a individualidade que indica. Refiro-me ao que vem na edição das suas poesias dada em 1887 pelo bácharel Eduardo de Sá Pereira de Castro.

"Camões e o Jau", cena dramática, adjuntada ao volume, veio salientar a longa curiosidade dos apaixonados do lírico fluminense; foi uma lembrança feliz, porque aquela compição, sobre ser desconhecida para muitos, se tinha tornado rara. Além da nobreza do assunto, é essa em grande parte o seu mérito.

Deu-nos mais o editor dois romances em prosa, como um "espeíscimo" do "modus scribendi" do laureado poeta quando depunha a lira, da qual podia também dizer-se, como da imortal canção do "Lusitânia", que "foi mais afamada que ditsa".

Todas as variantes que o editor apresenta provêm de uma soa fonte, a "Ilustração Lusitânia", Lisboa, 1856, onde o poeta fizera as suas primeiras armas. Os sendes de uma primeira impressão corrigiu-os o poeta com muito discernimento na edição que preparam e nos deu no Rio de Janeiro em 1859. Não se contentou nos manuscritos que o sr. dr. Carvalho possuía de poeta, como se poderia supor.

Para fechar com chave de ouro esta pequena notícia, exijo um tributo de saudade pago à memória do melodioso poeta, transcorvo das inéditas que ora se publicaram a poesia que segue e que o leitor não desenterraria de ler, se já leu no volume, onde ocupa o primeiro lugar. Tem uns laivos "garreteanos", que a fazem repetir com prazer:

P O R Q U E ?

Al por que? — Dize, responde, Vida minha, noite e dia Teu resto de mim se esconde, E teu lábio não murmurava Como d'antes, no lar, Naqueles compridos ninos Essas frases de ventura, Esses segredos divinos Que eu bebia a suíça?

Bem sabes, amei-te louco Como meus anseios ardentes Dum amor santo e primeiro;

— Fizera da tua imagem A flor dos meus castos sonhos E do teu rosto adorado Criara um poema Intelecto — Deus, os pais, a pátria, tudo, Deixei por ti no debrão Dentro teimoso paixão, E fiz-te raias astiva, Sulfato do coração!

Não negues, — teu lábio puro Serrou-me um dia; teus olhos Limpos, beios, tremelizaram Cerrados de amarguez; E junta a mim, docemente, Quando o mar tranquilo estava, Teu peito que transbordava Suspirou mais uma vez!

(Continua na página 153)

NO JARDIM PÚBLICO

O encontro de Casimiro de Abreu está no tocante vulgaridade. Em sua poesia tudo é comum a todos. Nenhum sentimento nele se diferencia dos sentimentos gerais, que visitam qualquer espécie de homem, de qualquer classe, em qualquer país. Casimiro dirige-se igualmente a todos, e por isso mesmo e restrito a matéria de sua poesia: abrange somente aquele região em que não operam os distinções filosóficas, os credos políticos, o tumultuoso torrente da vida social. Evita mesmo o campo subjetivo em que cada um de nós, sofrendo diferentes pressões, se revela incerto e descontínuo. Casimiro ignora o ruído e seus problemas; ignora tudo que é drama coletivo e até qualquer drama individual que não se inclua num destes esquemas:

al o homem se recorda do infância e fico triste; bi o homem tem um amor que não pode realizar-se e também fico triste; ci o homem está longe da terra natal e sente saudade.

Apenas uma vez, Casimiro fugiu a esses padrões. Foi quando compôs "Camões e o Jau", em que percorria um vento de epopeia e se sente à sombra de novos conquistadores, de infortúnios clássicos, o espírito da roça no quadro histórico. Tinha 17 anos e não repetiu a aventura.

Faltou-lhe, realmente, o sentido da aventura. A viagem a Portugal surge-lhe como uma tragédia: "Já dois anos se posaram longe da pátria. Dois anos! Dira dois séculos. E durante este tempo tenho contado os dias e as horas pelos bogos do oratório que tenho chorado". Seu ideal é bem pacífico e para concretizá-lo não seria preciso destruir nenhuma instituição nem magoar nenhuma criatura: "Feliciz ouque que morre debaixo do mesmo céu que o viva nascer!" Só isto: morrer na terra do nascimento. Era o único ambição de Casimiro de Abreu, e pensar que seu morte poderia ocorrer em Lisboa, entre "os seus mil e um atrações", o fazia mergulhar na mais negra infelicidade. O grito de fuga, de pesquiso dos lhos fabulosos, o fascínio do óscitico, que dilacerava o espírito romântico, não penetra o bedeujo das "Primaveras", onde Casimiro nasceu e deseja viver e morrer sem sobressaltos.

Está entendido que esse jardim não é fechado nem ostenta espécies raras. O poeta não canta o "vôo" nem a "morte", mas poemas para as emoções faceis, ligado a um gracioso modestia, que a faz murmurar sem fingimento: "Nós, contadores novos, somos às vozes secundárias que se perdem no conjunto de uma grande orquestra; hó o único mérito de não ficarmos calados". Apresentando-nos a sua primeira produção, avverte que "essas notícias são tiradas pelos muros tremulados dum novato, na mais humilde e desconhecido lirio". Note-se que era um tempo em que os novatos não tinham moinho tremulante (o algum dia a tiveram?). Casimiro guardou, pois, a inocência entre os demônios poéticos. Antes, dele, já Alvares de Azevedo zombava de todos as metafísicas e da própria poesia, recomendando em verso que cortasse sem uma foice de seu cadavos para a leitura de

uma humilde lira que conteste os amores da vida. Pouco depois, Castro Alves, no mesmo tempo em que renovava o conteúdo dos velhos temas amorosos, agrediu o leitor com a insolência de novos estudos: o conspiroação de Tiradentes, o tráfico dos escravos, a batalla política. O frágil Casimiro esquivou-se no remanso, à procura de obreiro para o seu sensibilidade de conformes tão limitados. E à donzela que ama envia este certificado de bom comportamento poético:

"Podes ler o meu livro: — odoro a infância, Deixa o esmolha na enxerga do mendigo, Creio em Deus, amo o pôtrio, e em noites lindas Minhalma — aberto em flor — sonha contigo".

Sabe-se o que há de perigoso para o literato em uma conduta exemplar: o perigo é tão positivo como o da falta de conduta. De bons sentimentos não germinam obrigatoriedade bons versos. Casimiro correu o risco de tornar-se obreiro, se não viesse salvo-a certo simplicidade natural, que dão aos seus versos um perfume de flor, tombem ele fraco, mas decente.

"Meu Deus! eu chorei tanto lá no exílio!"

Não há nada menos particularizado. E' tão simples que, em público, nos sentiríamos inclinados a sorrir da confissão. Mas em casa, lendo o livro e sentindo ondas de distância do poeta, uma ternura cípria nos embala, como a agua que passando por baixo da porta vai lentamente molhar o tapete.

Essa espécie de infiltração sem surpresa faz de Casimiro um poeta popular. Explique-me: ele é o poeta que nós todos nos imaginamos capazes de ser, se quiséssemos. (Não queremos). Encarregou o homem da sua considero com prevenção a figura de Paul Volery, que traz no bolso um "pôrtculo de fabricação de sonhos" (sabe-se lá o que escondem essas máquinas!), acolhe de coração aberto o vulto tranquilizador de Casimiro, que acabou de colher bonitas e vai de lá para o túmulo da namorada. Temos os vórios sugestões suaves: idéia de virgindade, idéia de flor, idéia de melancolia. Dá para um instante de poesia móida, na agitação bancária da sua Primeira de Março ou nos conversas arrastadas do forró da Moto Grosse.

Se Casimiro chegasse ao deserto em amor, sua voz seria mais rouca, não estimariam tanto. Com acento maguado mais limpo, ele nos conta os mornos, mas poemas; fala-nos de saídas que não conduzem ao enigma, só namorados que morreram antes que o poeta os perdesse; emoções que uma volta desperta, e falam com a voz "I"Tu, entem — Na donça — Que cansa, — Vovos — Co'os foras — Em rosas — Formosas...". Seu infinito recato sobre mesma com a hipótese de ver, após essa valsa

"A tua corda de virgem
Rolando no pô das galas!"

O poeta da mocidade Atualidade de Casimiro — MARIA EUGENIA CELSO

PEDRO LUIZ

Quereis por ventura vagueiramente no meio de sotões e flores, entre sorrisos e galas nesse jardim sempre víscoso, que se chama mocidade? Quereis, pondo de parte o mundo e suas teorias positivas, embalar-vos por alguns momentos, nos braços da fantasia às melodias ternas e queixosas da lira do oráculo? Quereis levar algumas horas pensativo e mundo bebendo a vida em um raiado ardente de sol dos trópicos, a esperança no anil do céu e o amor nas nuvens douradas que brilham no horizonte?

Com a mão no peito e a franzinheira nos lábios, ninguém ou-eará dizer — não.

Moço ou velho, alma cheia de fogo ou coração entrelaçado. Todos amam no fundo a natureza com suas festas, a vida com suas esplêndores, e a mocidade com seus desventos. Se assim é, abri comigo as "Primaveras" de Casimiro de Abreu.

Retrato pouco conhecido do casal das "Primaveras". Pertence ao arquivo da Academia Brasileira, de cuja cadeira nº 4 é Casimiro de Abreu patrono.

Casimiro de Abreu na opinião de Camilo Castelo Branco

"Faz pena este moço que deseja viver e começava a amar quando a alma lhe fugiu das usas do gênio para as da morte. Ele esteve perdo de destes carvalhos tristes onde escreveu estas linhas. Lá ruge em baixo no auge e o Avc. que lhe espejhou lágrimas saudosas de Brasil. Também teve sorrisos aquele rapaz que não teve infância! Ah! como está mundo e bom! Dem se está vendo que ha-

Deus, porque as suas obras são incomparáveis. Mas é quando obsequio, devido aos tuberculos ou anencefalo cerebral, morre-se novo, quando se é tão querido e chorado.

.... perhaps the early grave

Which men weep over may be meant to save

Aos preceitos, como Byron, se illes tirarem o desafogo da ironia, a estrangulação é perfeita."

DE CASIMIRO -

Carlos Drumond de Andrade

Tudo conta e sorri... só no meu olho
O lodo dum pau!"

Casimiro vai fazer, enfim, a descoberta do mundo:

"Há dores fundos, agonia lento;
Dramas pungentes que ninguém consola
Ou surpreza siqueir!
Magos maiores do que o dor dum dia,
Do que a morte bebe em toça enorme,
Do lóbios de mulher!"

Doce falas de amor que o vento espalha
Juros cantadas de constância eterno
Quisbrados no nascer;
Período e óvido de passados beijos...
São dores essas que a tempe cicotra
Dos anos de viver.

Se o conto é infeliz nos rosas as folhas
Do livro d'ânsa, maguário e triste
Sussira o coração;
Mas depois outros olhos nos cativam,
E loucos vâmos em delírios novos
Ardor noutro paixão.

... Não! a dor som cura, a dor que mata,
E' moço ainda, e perceber no mente
A dúvida o sorri!
E o perda duro dum futuro intelecto
E o desfolar sentido das gentis coradas
Das sonhas do parvir!

E' ver que nos arrancam uma a uma
Das axas do talento os penas de ouro,
Que vaga para Deus?
E' ver que nos arrancam uma a uma
E que profiam o que tanto temos,
* Co' riso das aulas!

E' assistir ao desabar tremendo,
Num mesmo dia, d'ilusões douradas,
Tão cándidas de te!

... Morsa há em que a voz nunci blasfema.
E o suicídio nos oculta ao longe
Nas longas saturnos!
... Murcha-se o vício no verdor dos anos,
Dorme-se moça e despiram-se velhas,
Sem fôlego para dormir!

... Dores no sombrio, sem corcios d'ânsa,
Sem voz de amigo, sem palavras doces,
Sem colpos de mulher!"

Estas pesadas dôas-nos o presentimento de um outro e maior Casimiro. O Casimiro que o morte aos 21 anos não deixou nos revolos todo a sua onírica fisionomia, e que de bom grado colocaríamos ao lado de Fagundes Varela, no viril descenso que assegura a este outro poeta fulminante um lugar a paro entre os nossos românticos. Casimiro que não chegou a formar-se, ai de! e que transborda das "Primaveras".

sentimento profundo de uma época.

Do longo sofrimento da incompreensão do meio e da hostilidade do ambiente familiar onde Casimiro de Abreu, desde criança, hauriu os elementos criadores da sua tristeza, por uma reação instintiva do talento oprimido, fez ele como o trampolim da sua obra poética.

A Saudade forja a sua primeira Musa, confessou um dia no prefácio do seu livro. Foi a Musa de toda sua existência, a flama inspiradora de sua poesia, a íntima e enternecida presença de sua alma. Saudade da separação prematura da mãe a quem adorava, saudade da pátria tristes anos distante, saudade dos amores passageiros aos quais o coração quer sempre emprestar um cunho de impossível eternidade, saudade quicua da vida que tão ecedo lhe fuga e de que antecipadamente sentia a nostalgia amargurada.

Saudade e tristeza, — mas o que é saudade afinal senão a tristeza do bem perdido ou do sonho irrealizado? — foram afinal as construtoras de sua glória.

Saudade e tristeza, exaltadas até o excesso se quiserem no íntimo passional do amor, mas também um extraordinário senso da nobreza, um divino entendimento de vida e da beleza das coisas. Basta lembrar a inegualável musicalidade da Rosa e a Brisa, a que o balanço cantante do ritmo dá a impressão nitida do belo da flor no galho batido de arame:

"A brisa dala à rosa:
"Dá-me, linda, a tua amar.
Deixa eu dormir no teu colo
Sem recusa.

Seu recém, minha flor,

De tarde vivo da velha
Sobre a relva
Os meus carinhos te dar
E de noite me corrimento.

Meu amor, meu amor,
Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Meu amor, meu amor,

Estudo sobre o poeta das "Primaveras" (Prefácio da «Obra de Souza da Abreu») - Casimiro de Abreu

Casimiro José Marques de Abreu nasceu em Indaiáçu, freguesia do Rio São João, na então província do Rio de Janeiro, no dia 4 de janeiro de 1832, de pai português e mãe brasileira.

Os primeiros tempos de sua vida, a sua "Infância querida", passou-os no terraço natal. Partiu em seguida para Nova Friburgo, onde cursou durante alguns anos o Instituto Freyre. Foi aí que, uma tarde, a hora em que em sua casa paterna deviam estar merendando, ele se lembrou do seu lar, viu nele a menina pequenina, e então, assaltado pela saudade, chorou e compôs a sua primeira poesia. Infelizmente, em momento de desânimo e desgosto, rasgou-a, embora mais tarde viesse a arrependê-lo de que fizera, e sentisse tanto o haver destruído aquela produção, que, para recuperá-la, daria em troco todo o volume das "Primaveras", isto é, o livro que a tornaria imortal em nossa literatura.

Não terminados completamente os seus estudos de humanidades veio para o Rio a trabalhar no escritório do pai, que, a fina força e contra a vontade do rapaz, queria encaminhá-lo na carreira comercial. Casimiro submeteu-se, mas não se resignou, e essa contrariedade foi grande amargura à sua vida.

Depois de um ano de permanência no Rio, o pai manda-o para Portugal. Isto foi em 1855. No exílio a tormenta o a nostalgiava do terraço natal e da família, sobretudo da irmã e da mãe, a quem Casimiro ansiava extremamente, de quem fala mais de uma vez nos seus escritos e para quem fez aquela poesia tão transbordante de saudade e ternura filial e com forma poética tão adequada, que dificilmente se encontrará tecido se encontra outra que a iguala na força do sentimento e na formosura da expressão.

* * *

Costuma dizer-se que no exílio lhe apareceram os primeiros sintomas da tísica pulmonar, que havia de matá-lo. Isto constitui, porém, um ponto por elucidar na biografia de Casimiro. Pois de cartas autografadas do poeta, existentes no arquivo da Academia Brasileira, e das quais tive conhecimento por intermédio de cópia fidedigna, parece que ele gozava de boa saúde. Ao amigo, destinatário da referida correspondência e para o qual abriu a sua alma de par em par, conta que voltou de Portugal, e nem então nem depois alude à enfermidade alguma positiva a não ser a vaivela de que ficara marcado: mas de que lhe se restabeleceria: e, pelo contrário, mais de uma vez queixando-se de enfermo do moral, informa que está só do físico, e certa ocasião chega a lembrar-se da monotonia da sua boa saúde, em lugar da qual queria a tísica com todas as suas peripécias para ir definindo liricamente até acabar de morte romântica sob o céu azul da Itália ou mesmo do nesso (desejo, como se sabe, muito do gosto da época e que o nosso vate exprime, talvez com algum humorismo). (1).

Além em carta de 11 de janeiro de 1850, isto é, nove meses antes da sua morte, escrevia: "Eu continuo sempre bom do físico e sempre enfermo do moral".

* * *

Há, contudo, uma carta, de 17 de maio, sem indicação do lugar nem do ano, mas que suponho ser de 1859, na qual se leem as seguintes palavras (o grifo é meu):

"Vivo muito triste e ruidoso mesmo um pouco do 'isso': a minha saúde vai-se estrangulando e eu desconfio que o cancro não dura muito tempo. Aí: estima-me sempre e lamenta o teu velho am.

Casimiro".

Dessas palavras transpira um sentimento sincero: podia, po-

rem, ser um abatimento passageiro. Enfim, a saúde boa ou má de Casimiro é, como disse, uma questão por esclarecer.

* * *

Situei, hipoteticamente, no ano de 1859 a citada carta de 17 de maio. E que esse é o ano da saída, creio, que em setembro (2), das "Primaveras", e não na carta o seguinte período: "O meu livro, nada de novo ainda! Diz o Paula Brito que em Junho está pronto e eu suponho que nem no fim do ano; o homem manga comigo a grana e em voz aturando tudo com a minha negligéncia habitual".

* * *

De volta pois ao Rio, onde chegou em 9 de julho de 1857, (3), parte sem demora para a fazenda paterna de Indaiáçu, e lá, revendo os sítios queridos da sua infância, desabafa a emoção naqueles deliciosos versos da poesia "No lar".

Um mês depois vem de novo para o Rio, colorado no escritório de uma casa de consolâncias. Em carta do Rio, de 18 de dezembro de 1857, escreve ao seu amigo Francisco do Couto Souza Júnior, o qual residia no Porto das Caixas:

"Querido am.

Recebi com verdadeiro prazer a tua carta e se te não respondi logo foi porque tenho estes dias bastante ocupado aqui no escritório com a dívida das paquetes para a Europa e para o Sul. Como sabes estive em Portugal 3 anos e meio e voltei em julho p.d.; passei por aí duas vezes e lembrei-me de visitá-la, mas não tinha tempo e provavelmente não te encontraria".

Peças datadas de grande número de suas poesias vê-se que o ano de 1858 foi de intensa atividade literária para Casimiro. Também cogita da publicação das "Primaveras", seu volume de versos, que sai a público em 1859.

Dizem que o pal. doente em Indaiáçu, conoveu-se à leitura das "Primaveras", e mandou vir o filho. Este chegou, ainda estando com vida o pal. e reuniu-lhe-se.

Tendo regressado ao Rio algum tempo depois da morte do pal., a enfermidade agravou-se-lhe (se tinha alguma) ou assaltou-o então. Busca alívio no clima de Nova Friburgo. Não o encontra. Volta a Indaiáçu, e ali, no regaço materno, expira na tarde de 18 de outubro de 1860. Tinha 22 anos incompletos.

* * *

Houve dúvida sobre o ano do nascimento de Casimiro de Abreu. 1837 ou 1839? A certidão de batismo, já publicada até no "Diário Oficial", reuniu a testemunhos indiretos do poeta, que daí a poucos dias considerou, resolve a dúvida a favor do ano de 1839.

No começo do Prólogo de "Camões e o Jau" conta o poeta que transpôs a barra do Rio de Janeiro em demanda das costas de Portugal a 13 de novembro de 1853, e mais adiante diz que já lhe haviam passado dois anos longe da pátria. Fazendo-se os cálculos, — levada em consideração a duração da viagem que, naquele tempo, era demorada, e admítida que a expressão "dois anos" não teria rigor matemático, o que é comum na linguagem corrente, — conclui-se que Casimiro estava escrevendo o Prólogo ao expirar de 1855 ou nos princípios de 1856: a data 27 de março de 1856, atopo-a no Prólogo, confirma a segunda hipótese a que nos levou o cálculo, um tanto grosseiro, mas aproximado.

No mesmo Prólogo diz Casimiro que lhe arde no peito o fogo dos seus desejos avassaladores, estendidos para 1856, terceiro para 1857, e nascimentos do poeta.

No dedicatória das "Primaveras" a F. Otáviano, datada de 20 de agosto de 1859 pergunta: "Meu Deus! que se não de escrever aos vinte anos...?". Ora, quem em 1859 tinha vinte anos, nasceu em 1839.

* * *

versas" a F. Otáviano, datada de 20 de agosto de 1859 pergunta: "Meu Deus! que se não de escrever aos vinte anos...?". Ora, quem em 1859 tinha vinte anos, nasceu em 1839.

* * *

A correspondência de Casimiro, guardada no arquivo da Academia Brasileira, compreende uma série de trinta cartas com as datas completas — série cujos extensos são as duas, já referidas de 18 de dezembro de 1857 e 1º de janeiro de 1860 —, e, sem declaração do ano, mas sete cartas e um fragmento de carta. Por meio do conteúdo delas, verifico com fatos concretos talvez se nenhuma pôsfixe fixar o ano com exatidão ou pelo menos, aproximadamente; faltou-me, porém, vagar para o necessário exame e estudo.

Um amigo querido e confidente aponta Casimiro jorna's e revistas em que saíram poesias suas indicações de que ainda esperava utilizar-me mais largamente do que me foi possível agora; revela os seus estados de tristeza e aborrecimento, apesar do seu gênio alegre e estouendo; dá m'ltas outras informações preciosas no biógrafo e ao crítico literário. de algumas das quais já me aprofiei no comentário do presente volume; insiste na sua aversão à vida comercial; alude à dificuldade com que, morando em casa do patrio, e não lho querendo este permitir, estaria para sair à noite, e, ate, para escrever. Na carta de 15 de fevereiro de 1858 vemo-lo, instigado pela sedução do Carnaval, disposto a uma reação contra a compressão que lhe molestava o gênio:

"Querido am.
Recebi com verdadeiro prazer a tua carta e se te não respondi logo foi porque tenho estes dias bastante ocupado aqui no escritório com a dívida dos paquetes para a Europa e para o Sul. Como sabes estive em Portugal 3 anos e meio e voltei em julho p.d.; passei por aí duas vezes e lembrei-me de visitá-la, mas não tinha tempo e provavelmente não te encontraria".

Peças datadas de grande número de suas poesias vê-se que o ano de 1858 foi de intensa atividade literária para Casimiro. Também cogita da publicação das "Primaveras", seu volume de versos, que sai a público em 1859.

Dizem que o pal. doente em Indaiáçu, conoveu-se à leitura das "Primaveras", e mandou vir o filho. Este chegou, ainda estando com vida o pal. e reuniu-lhe-se.

O carnaval está brilhante. Ontem estive no São Pedro até 3 horas da manhã; houve dança e pulos bravios.

Desculpa a pressa com que te escrevo; bem vés que são momentos furtados".

* * *

"Não me respondas antes de escrever-te outra vez, porque parece-me que vou mancar o comércio à tábua, e que rascunho desta casa.

O carnaval está brilhante. Ontem estive no São Pedro até 3 horas da manhã; houve dança e pulos bravios.

Desculpa a pressa com que te escrevo; bem vés que são momentos furtados".

* * *

Quanto à desinteligência entre Casimiro e o pal. penso que há, na correspondência, elementos que poderão servir para um estudo que a reduza às suas verdadeiras proporções. A este propósito peço ao leitor que veja a minha nota final à poesia "Dores".

* * *

Uma feição do caráter de Casimiro que ressalta das cartas, e que desejo não fique na sombra, é o seu respeito pela sua obra e pelo público que a valer. Traduzido no empenho de retocá-la, de aperfeiçoá-la e levando ao ponto de fazer o público a admirar, em volume, de composições a que não pôde dar a última devoção. Lelamos algumas palavras suas:

"Quero ir arranjando e retocando todas as minhas asneiras, pois preparo-me para em janeiro, nos meus anos, dar à luz um volume de poesias e depo... quem sabe?!" (Carta do Rio, 1º de abril — 1858, ao seu amigo Francisco do Couto Souza Júnior).

O volume há-de ser pequeno, pois que não entraram nele todos os meus versos que eu resservei para outro volume, visto que estarem muitas poesias ainda por acabar e retocar". (Carta do Rio, 7 de julho de 1858, ao mesmo).

Notava e emendava os erros tipográficos. Em carta do Rio de 10 de abril de 1858, dizia ao seu amigo:

"Caríssimo —

— Antes principal uma carta por um agradecimento de que por uma descompostura: por isso agradeço-te a remessa da "Virgem Loura" — embrulhada em papel branco, os anetas transformada em letras.

Fico à espera da — Moreninha — mas, palavra de honra, não desejo que ela venha com tantos erros como a dita Virgem (isto entre nós)".

Ainda do Rio e ao mesmo amigo, escrevia em 21 de maio de 1858:

"Mio caro.
Inclino-te remeto a poesia que fiz ao Maccio Jr; veio com alguns erros tipográficos que vão emendados com pena".

E em PS à mesma carta.

* * *

"Os erros são — laurel e não laurel e não ral —

"— mudez e não nudez —

Com semelhante sensibilidade aos erros, como não ficaria desgostoso se pudesse saber o que se tem feito às suas poesias nas suas "plas reedições" delas, e principalmente as que tem por título "Anjo" e "A J. J."!

Se o leitor pode consultar várias edições das obras de Casimiro, compare, com o que vem nelas, o texto da seguinte quadra de "Anjo", a qual, salvado a ortografia, assim está na edição de 1860 das "Primaveras":

"A fronte que ardia em brasas
A seus delírios pós fim
Sentindo o roçar das asas
O sono dum querubim."

Ponha o texto das edições que tiver, no lado do verdadeiro texto de "A J. J.", o qual é (salvo a ortografia):

"Mas se docil a teus dedos
O teu piano palpita.
Se derramas teus segredos
Nessa harmonia infinta,
Nessa queixa vaga e incerta,
Então minhalma — desperta.

Desse fatal pesadelo —
Sai de manto de gelo
Punha-se em novo fulgor,
Aí da la que o sol exula,
E em cada nota que fala
Soletia um hino d' amor!"

e dira-me se não é esta uma das mais sacrificadas poesias de Casimiro.

* * *

Por falta de tempo (a presente edição tem de sair este ano, que é o do centenário do nascimento do poeta) deixo de aludir a outros fatos interessantes a que se refere a correspondência, ou que dela se podem deduzir.

* * *

Foi bem curta a existência de Casimiro, e, além disso, ele não pode aplicar-se aos estudos societários (vimos que até cartas escrevia em "momentos furtados"). Todavia revela sua leitura, e cultura intelectual apreciável. Era-lhe inato o sentimento da língua portuguesa. Em geral, escrevia a bem, com correção, respeitando-lhe as normas consignadas nos códigos, mas percebendo-lhe também as sutilezas que escapam à visão da Gramática e de que só um conhecimento prático do idioma, aliado a forte dom natural, permite aos escritores utilizarem-se com felicidade.

* * *

O estilo de Casimiro encanta: suave, espontâneo, simples, conciso, claro, adequado à ternura dos seus sentimentos de amor e de saudade, a tradução de uma dor profunda, mala-

do, que mal desabotoa na alma virgem, que cria, ele próprio, o seu objeto, mas que ainda não viu, fora do domínio da fantasia, no mundo real. esse objeto concretizado para trás se empregar, se assim me nosso exprimir, de corpo e alma.

E' um amor como o de aquela magnética que presente o norte, o busca com ansiedade, mas que outros centros de atração ainda desviam do rumo certo e fazem oscilar em contínuo desassossego. Da fato, através das poesias de Casimiro, entrevejo um adolescente que, sensível aos encantos da mulher menina e moça, em busca de uma supõe encontrar a realização do virgem dos seus sonhos e nre em desejos de a cada instante lhe dar beijos e abraços, sentir-lhe as suas carícias, e a seu lado ter vida que a ambos deslize com a serena doçura da felicidade.

Dir-lhe galanteios, diz-lhe coisas amáveis e ternas, nota de todas, — mas ainda não uma, verdadeiramente, a nenhuma.

Os temas de Casimiro, se bem que às vezes possam parecer gráficos, não deixam nunca de interessar ao leitor, porque ele sobra dotá-los de valor poético, e porque são humanos, como reflexo de uma alma jovem e mala-

ga, que vibravam ao influxo da mulher, amou a terra, a natureza,

— e em noites lindas

Minhalma — aberta em flor — sonha contigo".

Na cena de "Camões e o Jau" a linguagem é familiar, como convém nos diálogos íntimos, mas, em dados momentos, adquire oportuna resonância épica.

Nas páginas em prosa da "Virgem Loura" mostra-se natural, fluente, leve. Em "Camões" as mesmas qualidades, acrescidas de certa faceta. Co-megado a desenrolar-se o en-

trecho, no momento em que a curiosidade se nos acha, interessada na continuação da narrativa, cessa o escrito, que ficou inacabado; e a sensação de pena que então nos invade, é documento cabal das qualidades de imaginação de Casimiro na criação de cenas e situações, e da sua habilidade no expo-las e encadeá-las, pren-endo a atenção do leitor. Fica-se com a convicção de que, com o poeta, perdemos igualmente um excelente prosador.

* * *

Na metrificação Casimiro acompanha as praxes do tempo. A sua individualidade artística, porém, faz que as vezes se não submeta servilmente aos preconceitos dominantes e quebre os moldes comuns, o que lhe provocou, uma ou outra censura da parte dos críticos, se o m-

que dessas, digamos, irregularidades se pudesse escutar na autoridade de Gonçalves das Nas minhas, notas procurei interpretar o significado estético de tais anomalias métricas e avul-lá-las com a possível justiça.

* * *

Longe da pátria, Casimiro sentiu saudades do terra natal, do lar, da mãe adorada, da irmã, da infância — e produziu aquelas doces poesias subordinadas ao título geral de "Canções do exílio". Paisagens, re-nes e tipos nossos deram-lhe a "Brasilianas" e mais alguns poemas.

A sua alma adolescente, nas suas aspirações de amor, nos seus sonhos e devaneios, na recordação de cenas intimas, na luta das suas odisias com os seus receios, ministrou-lhe assuntos a outras composições, numerosas e variadas, que constituem a maior parte do volume.

Já se tem chamado a Casimiro "o poeta do amor e da saudade" e afigura-se razoável a denominação, mas com uma ressalva. Não se tome ali "amor" como significando aquele sentimento, profundo e aboriente, capaz de dominar uma existência inteira. Embora o poeta nos diga que "amou outrora com amor bem santo os negros olhos de gentil donzela" e faça outras confissões semelhantes, o José Veríssimo lhe sinta nos versos "a impressão pungente de um amor infeliz que lhe deixou a alma ralherida e para sempre dolorosa", (4), a mim parece-me que Casimiro é, sim, o poeta do amor, mas do amor que vai nascendo, que mal desabotoa na alma virgem, que cria, ele próprio, o seu objeto, mas que ainda não viu, fora do domínio da fantasia, no mundo real. esse objeto concretizado para trás se empregar, se assim me nosso exprimir, de corpo e alma.

E' um amor como o de aquela magnética que presente o norte, o busca com ansiedade, mas que outros centros de atração ainda desviam do rumo certo e fazem oscilar em contínuo desassossego. Da fato, através das poesias de Casimiro, entrevejo um adolescente que, sensível aos encantos da mulher menina e moça, em busca de uma supõe encontrar a realização do virgem dos seus sonhos e nre em desejos de a cada instante lhe dar beijos e abraços, sentir-lhe as suas carícias, e a seu lado ter vida que a ambos deslize com a serena doçura da felicidade.

Dir-lhe galanteios, diz-lhe coisas amáveis e ternas, nota de todas, — mas ainda não uma, verdadeiramente, a nenhuma.

Os temas de Casimiro, se bem que às vezes possam parecer gráficos, não deixam nunca de interessar ao leitor, porque ele sobra dotá-los de valor poético, e porque são humanos, como reflexo de uma alma jovem e mala-

ga, que vibravam ao influxo da mulher, amou a terra, a natureza,

— e em noites lindas

Minhalma — aberta em flor — sonha contigo".

Na cena de "Camões e o Jau" a linguagem é familiar, como convém nos diálogos íntimos, mas, em dados momentos, adquire oportuna resonância épica.

Nas páginas em prosa da "Virgem Loura" mostra-se natural, fluente, leve. Em "Camões" as mesmas qualidades, acrescidas de certa faceta. Co-megado a desenrolar-se o en-

(Continua na página 152)

A POESIA DE CASIMIRO DE ABREU

NO LAR

1

Longo da pátria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chrei saudades do meu lar querido
— Ave sem ninho que suspira a tarde. —

No mar — de noite — solitário e triste
Fiando os lumes que no mar tremiam.
Avide e louco nos meus sonhos dália
Folgari nos campos que miras olhos viam.

Era pátria e família e vida e lar
Gloria, amores, mocidade e crença,
E todo em choros vim beijar as praias
Porque chorava nessa lona a infância.

Era-me na pátria, no país das flores,
— O filho prodigo a seus lares veve,
E concertando as suas ventos rotas,
O seu passado com prazer revolve! —

Eis meu lar, minha casa, meus amores,
A terra onde nasci, meu terra amiga.
A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me norteou — cresceu comigo.

Os meus campos que eu deixei criança,
Arvores novas... tanta flor no prado!...
Oh! como es linda minha terra dália.
— Noiva envoltada para o seu noivo! —

Foi aqui, foi ali, aí... mais longe,
Quem eu sentei-me a chorar no fundo do dia;
— Lá vejo o atalho que val dar na várzea...
Lá o barranco por onde eu subi!...

Acho agora mais seca a cascata
Onde banhei-me no infantil cansaço...
— Como está velho o laranjal tamanzo
Onde eu cavaia o samburá a lago!...

Como eu me lembro dos meus dias puros!
Nada me esquece!... e esquecer quem há-de?...
— Cada pedra que eu paipo, ou tronco, ou tocha,
Fais-me ainda dessa doce ideia!

Eu me lembro fucou-me a infância,
E tanto a vida me paipita agura.
Que eu dera, oh! Deus! a mocidade inteira
Por um só dia do viver dormenta!

E a casa?... as saias, estas novas... tudo,
O crucifixo pendurado no muro...
O quarto do oratório... a sala grande
Onde eu tenta penetrar no escuro!...

E ali... naquele canto... o berço armado!
E minha mama, tão gentil, dormindo!
E mamãe a contar-me histórias lindas
Quando eu chorava e a beijava rindo!

Oh! primavera! oh! minha mãe querida!
Oh! mama! — anjinho que eu amei com ansia —
Vinde ver-me em soluços — de joelhos —
Beijando em choros este po da infância!

MORENINHA

Moreninha, Moreninha,
Tu és do campo a rainha,
Tu és senhora de mim;
Tu matas todos de amores,
Faceira, vendendo as flores
Que colhes no teu jardim.

Quando tu passas na aldeia
Diz o povo à boca cheia:

— "Mulher mais linda não há!
Ai vejam como é bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!" —

Tu és meiga, és inocente
Como a rosa que contente
Voa e folga no rosal;
Envolta nos simples galos,
Na voz, no riso, nas falas,
Moreninha — não tens rival!

Tu, ontem, vinnas do monte
E paraste ao pé da fonte
A fresca sombra do til;
Regando as flores, sozinha,
Nem tu sabes, Moreninha,
O quanto arreia-te a ento!

Depois segui-te calado
Como o pássaro estaimado
Vai seguindo a juri;
Mas tão pura os brincando,
Pelos pedrinhas saltando,
Que eu tive pena de ti!

E disse então: — Moreninha,
Se um dia tu fores minha,
Que amor, que amor não terás.
Eu dou-te noite de rosas

Cantando canções formosas
Ao som dos meus ternos aís.

Morena, minha sereia,
Tu és a rosa da aldeia,
Mulher mais linda não há;
Ninguém t'iguala ou t'imita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Tu és a deusa da praça
E todo homem que passa
Apenas viu-te... parou!
Segue depois seu caminho
Mas vai calado sozinho
Por que sua alma ficou!

Tu és bela, Moreninha,
Sentada em tua banquinha
Cercada de todos nós;
Rutando alegre o pandeiro,
Como a ave no espinheiro
Tu saltas também a voz:

— "Oh! quem me compra estes flores?
São lindas como os amores,
Tão belas não há assim;
Foram banhados de orvalho,
São flores do meu serralho,
Calhias no meu jardim." —

Morena, minha Moreninha,
Es bela, mas não tens pena
De quem morre de paixão!
— Tu vendes flores singelas
E guardas as flores belas,
As rosas do coração!...
Moreninha, Moreninha,
Tu és das belas rainha,

Terra da minha pátria, abre-me a sala
Na morte — a no menos...
GARRETT.

II

Meu Deus! eu chorei tanto lá no exílio!
Tanta dor me cortou a voz sentida,
Que agora neste gozo de próspero
Chora minh'alma e me sucumbe a vida!

Quero amor! quero vida! e longa e bela,
Que eu, Senhor! não vivi — dormi apenas
Minh'alma que se expande e se entumece
Despe o em luto nas canções amenas.

Que serei que eu sentia noites noites!
Quanto beijo roçou-me os lábios quentes!
E, palido, acordava no meu leito
— Samburá — orfão das visões ardentes!

Quero amor! quero vida! aqui, na sombra,
No silêncio e na voz desta natureza;
— Da primavera de minh'alma os cantos
Casco co' as flores da estação mais pura.

Quero amor! quero vida! os lábios ardem...
Preciso as dores dum sentir profundo!
— Sofrejo a taça exagerado dum trago
Embora a morte vá topar no fundo.

Quero amor! quero vida! Um rosto virgem,
— Alma de arcaújo que me fale amores,
Que ris e chore, que suspira e gema
E doure a vida sobre um chão de flores.

Quero amor! quero vida! Unas roupas brancas
Que passam a brincar nos meus cabelos;
Posto linda de fada vaporosa
Que dé-me vida e que me mate em zeios!

Oh! céu de minha terra — azul sem mancha —
Oh! sol de fogo que me queima a fronte,
Nuvens, nuvens que roreis no oceano,
Neveros — à tarde que entra o monte;

Pelos meus olhos, floresta, rios doces,
Mansa, lagôa que o luar prateia,
Círculos rios, cachoeiras altas,
Ondas tranquilas que morrelas na areia;

Aves dos bosques, brisas nas montanhas,
Bentevis do campo, nuvens da praia,
— Canta, corre, orfão! — minh'alma em festas
Treme de gozo e de prazer desmaiado!

Folhas, periquitos, solinhas, gorgulhos,
Alegria, ternura — modulam-me a alegria!
— Seja um poema este ferver de idéias,
Que a mente clama e o coração suspira.

Oh! mocidade! bem te sinto e vejo!
De amor e vida me transoardo o peito...
— Basta-me um anel... e depois... na sombra...
Once tive o berço querer ter meu leito!

Al canto, eu chora, eu rio, e gravo e louco,
Nos pobres rincos te bendigo, oh! Deus!
Deste-me os gozos do meu lar querido...
Bendito sejas! — vou viver o' os meus!

Mos nos amores és má;
— Como tu fasas bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Eu disse então: — "Meus amores,
Deixa mirar tuas flores,
Deixa perfumes sentir!"
Mas naquele doce enleio
Em vez das flores, no seio,
No seio te fui bulir!

Como nuvem desmaiada
Se tinge de madrugada
Ao doce alvor da manhã;
Assim ficaste, querida,
A face em pejo acendida,
Vermelha como a romã!

Tu fugiste, feiticeira,
E de certo mais ligeira
Qualquer gazel não é;
Tu las de saio curta...
Saltando a moita de murtas
Mostraste, mostraste o pé!

Ali! Moreno, ali! meus amores,
Eu quero comprar-te as flores,
Mas dás-me um beijo também;
Que importam rosas do prado
Sem o sorriso engracado
Que a tua boquinha tem?...

Apenas vi-te sereia,
Chamei-te rosa da aldeia —
Como mais linda não há,
— Jesus! Como eras bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá.

O QUE É SIMPATIA

A UMA MENINA

Simpatia — é o sentimento
Que nasce num só momento,
Sincero, no coração;
São dois olhares acesos
Bem juntos, unidos, presos
Numa mágica atração.

Simpatia — são dois galhos —
Banhados de bons orvalhos
Nas mangueiras do jardim;
Bem longe às vezes nascidos,
Mas que se juntam crescidos
E que se abraçam por sim.

São duas almas bem gêmeas
Que riem no mesmo riso,
Que choram nos mesmos azares;
São vozes de dois amantes,
Duas liras semelhantes,
Ou dois poemas iguais.

Simpatia — meu anjinho,
E o canto do passarinho,
E o doce aroma da flor;
São nascens dum céu d'ágosto
E que me inspira teu rosto...
— Simpatia — é — quasi amor

MEUS OITO ANOS

Oh! souvenirs! printemps! aurores!
V. Hugo.

Oh! saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trouxeram mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fogueiras:
A sombra dos bananeiros,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
— Respira a alma incôncie
Como o perfume da flor;
O mar — é lago sereno,
O céu — um monte azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino de amor!

Que aurora, que sol, que vida,
Quais noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquela ingôndia tolgor!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando o mar!

Oh! dias da minha infância
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risinha manhã!
Em vez das mágicas de agora,
Eu tinha nessas delícias,
De minha mãe os carícias
E beijos de minha Irmã!

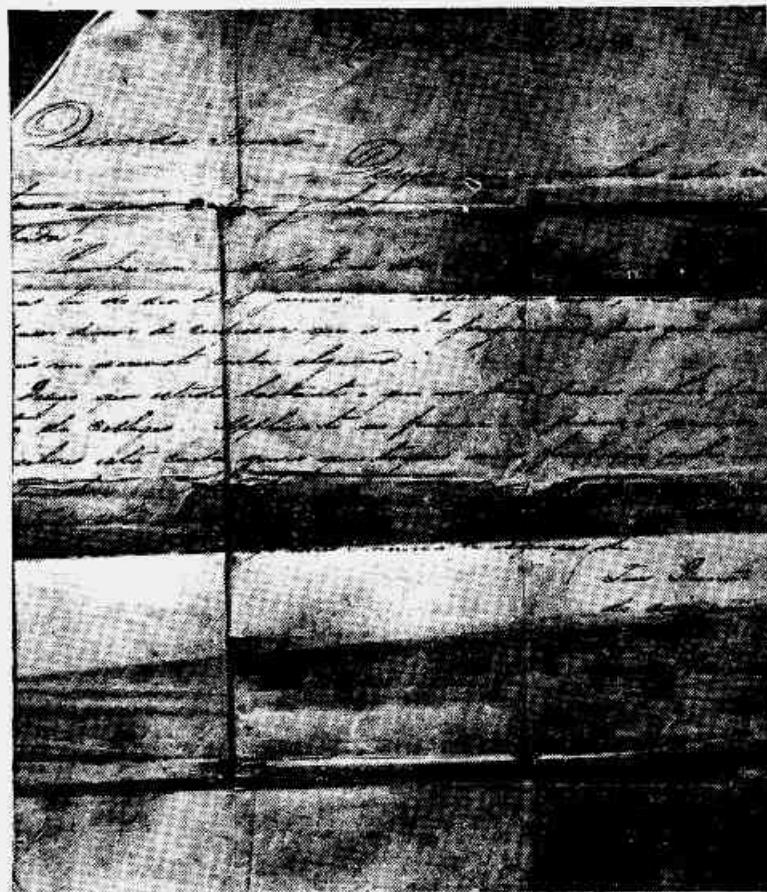
Livre filha das montanhas,
Eu ia bem satisfeita,
Da comisa aberta o peito,
— Pés descolados, braços nus —
Correndo pelas campinas
A' rodo das cocheiras,
Atrás das asas leigas
Das borboletas azuis!

Noquela tempos ditosos
la colher os pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Resava ás Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia, sorrindo
E despertava o contar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trouxeram mais!
— Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fogueiras:
A sombra dos bananeiros,
Debaixo dos laranjais!



Casimiro de Abreu, criarca, no tempo dos seus oito anos, da sua "infância querida" que não voltou mais... A mesma fotografia nos mostra sua irmã, Albina, a companheira da vida das tracessas do poeta, na ocasião. Albina Marques de Abreu Pais morreu há alguns anos, sepultada necessitando para viver, de sua pensada na Academia, como se vira de um documento que em uma de nossas páginas, publicamos.



Correspondência de escritores

CARTA DE CASIMIRO DE ABREU A SUA IRMÃ ALBINA

RIO, 13 DE JANEIRO DE 1858

Querida Irmã

Desejo que ao receberes esta contimes a gozar saindo a qual peço a Deus seja nunca interrompida.

Lembrai-me muito de ti no dia 3 de dezembro, e lembrar-te-ias tu do dia 4 de janeiro? Acredito que sim, mas não posso deixar de confessar que é muito preguiçosa, pois que ainda não escrevi carta alguma.

Desejo que estudes bastante e já em breve possas sair pronta do colégio. Aplica-te ao francês e ao piano e quando receberes esta carta quero que toques uma fantasia sobre a Traviata.

Recado para o brasileiro Casimiro — Ribeiro Couto (da Academia Brasileira)

O extraordinário serviço que em homem do alto valor filológico e literário de Sousa da Silveira prestou às lettras brasileiras, com a erudita publicação das "Obras de Casimiro de Abreu" (Companhia Editora Nacional, 1910) só poderá ser talvez devidamente apreciado dentro de alguns anos. A esse tempo, o Casimiro de Abreu das edições populares, dos recitativos de moças pulidas, de caixeiros pulidos, terá desaparecido, graças aos textos com tanta arcaíca, agora mortíflora por Sousa da Silveira. Veremos, em seu lugar, um Casimiro — precursor — da — modernidade — presente, meu grande parente da nossa natureza e do nosso povo.

Parecerá difícil falar de um Casimiro — precursor. Entretanto, onçam: "O filha dos trópicos deve escrever minha linguagem propriamente sua, linguagem da como ele, quente como o sol que o abrasa, grande e misteriosa como as suas matas seculares..."

Não parece o Graça Aranha de 1920?

A propósito de Graça Aranha, não que ele me haja honrada.

rado, naquele ano de 1920, com o epíteto herói cômico de "Casimiro de Abreu do modernismo", confessou que só agora conhecia em toda a sua extensão a obra do nosso grande fluminense e só agora me sinto a seu lado, como ordenança fiel.

En daria tudo para ter escrito, como ele, em Lisboa, ainda que se membro:

Eu nasci alem dos mares;

Os meus lares,

Meus amores ficam lá t

Onde caem os raios

Seus suspiros,

Suspiros a solas!

Oh! que éis, que terra apelado,

Rua e bela,

Como o céu de cloro and t

Que seca, que luz, que galas,

Não exatas.

Não exatas, meu Brasil!

Oh! que sondeas fumadas

Das montanhas,

Daqueles caubós nulos!

Daquele céu de salva

Que se mira,

Que se avira nos cristais!

Não amo a terra da exilia,

Son bom filho,

Quero a pátria, o meu país,

Quero a terra das mangueiras,

E as palmeiras,

E as palmeiras tão gentis.

Como a ave dos palmáceas.

Pelos ares,

Fugindo do céu,

Eu vivo longe do norte,

Sem carinho e sem amor,

Sem carinho e sem amor,

Debilidade é o amor e procure...

Tudo escuro,

Só vivo em redor de tua!

Vulta a luz do teu paterno,

Doce eternas,

Voce e tecem para mim,

Distante da zona divata

— Deserto —

A vida não é lhe,

Nessa eterna primavera

Quero me devo,

Quem me devo o meu pais.

O pequeno imia dezenas anos. Já escrevia essas coisas, já sentia essas coisas, "Son bom filho", "o meu pais"... Sebentes, inclinemos a cabeça diante da criança maravilhosa.

Eu tinha o dobro dos anos de Casimiro quando fui somar as meus reses da nostalgia, um palpitar de ferida secreta diante de paisagens distantes e de povos alheios a mim. Não que tais paisagens e povos me fizessem completamente infeliz: mas saudoso. Me lembrando da praia do José Menino diante do Vieux Port de Marselha; e da igreja do Carmo, ao ouvir os sinos de Notre Dame de la Garde.

Todos cantam sua terra,

Também vou cantar a minha...

Estou escrevendo estas linhas

na véspera de uma nova partida para o estrangeiro. Passa da meia noite. Dentro de algumas horas, um vapor me levantará o porto. Passarei ao largo da costa fluminense — da costa de São João da Barra, para carioca. E desde lá estou mandando este recado a Casimiro de Abreu, no céu. No céu "de elevos voos"...

Assim, sejamos todos nós, brasileiros de hoje, tão dignos do Brasil como foste tu, poeta das mil entendidas de elote canseiral, indefidamente nascido como consolo de namoradas tristes.

Forte e ardente poeta do tru-
povo, poeta do país bruto e tro-
pical, é o que és tu.

Se brasileiro eu nasci,

Brasileira hei de morrer.

Já agora, está entendido, Casimiro. Te levo conigo, para te ler em Brooklyn.

Estudo sobre o poeta das "Primaveras"

(Continuação da página 148)
adorou a mãe e a irmã teve saudades, e sofreu.

+

Como poeta foi Casimiro apreciado em vida, tanto no Brasil como em Portugal, e continuou a ser-lo depois da morte. Sucediam-se numerosas as suas edições num e noutro país, e duas delas trazem os prefácios iniciais de Jamailho Ortego e Pinheiro Chagas. Ainda em 1925 já haviam em Portugal vários trabalhos seus. Fornou-se no Brasil poeta popular, e nunca o esqueceu. Embora grandemente leuvidado, recebeu algumas censuras, relativas a linhas da literatura. Se errasse, "amo creio tê-lo feito nas anotações, seriam tais censuras infundadas. Era resposto ao seu humor, não o poeta, que este unica estive ressentido de redonda, mas o escritor, que a evitava da crítica e a infidelidade das pessoas ressentia e sentia.

+

Se me emprende estabelecer uma classificação das grandes poetas nossas, eu daria o primeiro lugar a Gonçalves Dias, atendendo a excelência da sua inspiração. O seu conhecimento real da vida, a sua capacidade de expressão poética, a sua riqueza linguística. Na ocasião, tivemos, de escolher o mercedor do segundo lugar, me vieram hesitações, mas certamente em dos nomes em que eu acreditava, seria o de Casimiro de Abreu, por causa da sua poesia, comum, lírica, da sua sinceridade, sua realista evocação da nossa paisagem, da breza da sua infância, face à natureza, da vivacidade de postura, a firmeza das suas ideias, e da matosidade da sua versificação.

+

O "Talvez inúteis recorda, mas que é verdade. Eu denego uma denuncia grave, perigosa, longa, mesmo, nois já me causa esta monotonia de bons saudosos".

Mas, queria a talvez que todos as suas ripostas, queria a determinação, soltando sempre os últimos cantos da vida e depois expirar no meio de perturbações debaixo do seu anelado da Itália, ou mesmo no meio dessa natureza sublime de vegetação que rodeava o Quelmeado" (Carta do Rio, 4 de outubro de 1858).

(2) Em carta de 2 de agosto de 1858 escrevia: "E creste diverso e expondo do meu volume ainda não saiu"; mas saiu no 7 de setembro do mesmo ano, já diz: "Finalmente, meu amigo, saiu o meu livro de poesias". (V. a nota final a "LXIV. Clara").

(3) V. a nota 30 a "XXXVIII. Polvorosa em mar".

(4) V. a nota 34 a "XXXVIII. Literatura Brasileira", 1916, pág. 302.

Correspondência de escritores

CARTA DE CASIMIRO DE ABREU A SUA IRMÃ ALBINA

RIO, 13 DE JANEIRO DE 1858

Querida Irmã

Desejo que ao receberes esta contimes a gozar saindo a qual peço a Deus seja nunca interrompida.

Lembrai-me muito de ti no dia 3 de dezembro, e lembrar-te-ias tu do dia 4 de janeiro? Acredito que sim, mas não posso deixar de confessar que é muito preguiçosa, pois que ainda não escrevi carta alguma.

Desejo que estudes bastante e já em breve possas sair pronta do colégio. Aplica-te ao francês e ao piano e quando receberes esta carta quero que toques uma fantasia sobre a Traviata.

Todos estão bons e mandam-te muitos abraços.

Adieu, aceita um beijo meu e nunca te esqueças te tua irmã do coração.

Casimiro J. M. Abreu

NOTA — A carta de Casimiro de Abreu à irmã, anni pulicata, foi ofertada por Goullart de Andrade à Academia Brasileira. Havia ele prometido à instituição os originais das "Primaveras". Posteriormente verificou que os originais de que podia dispor não eram do punho de Casimiro — mas sim uma cópia, e ainda assim infiel. Regatou a divida, oferecendo, em 10 de janeiro de 1924, a carta autêntica que se acaba de ler.

Aquela inconsistência ou melhor aquela inconsideração de adolescência (quando menos intelectual) fez gravar na minha memória, pela própria deleia que o dito me proporcionava, toda irreverência com que Antonio Torres aludia a Casimiro de Abreu: "caixeiro de cretino". Era demais, porém o próprio exagero produzia o riso, o gozo como já então se dizia, sem outras considerações para com a memória do poeta choramingas. Lembrava-me dessa expressão do terrível panfletário e parecia-me que teria sido escrita num artigo sobre a *Aua Corrente*, de Olegário Muniz; no entanto, o artigo foi intitulado em volume, *Pasquinal das Cariocas*, mas lá há apenas isto, pág. 188:

"chorar por motivos de amor, como o falecido Casimiro de Abreu, excede os limites das coisas licitas, principalmente quando o indivíduo já transpõe a casa dos vinte anos". E ainda, noutro assunto, pág. 251: "... cortesias, como se dizia no tempo do sempre chorado Casimiro de Abreu". E na página seguinte: "... ver as cortesias (de Alvarés de Azevedo)..."

As transcrições mostram acentuada implicância do jornalista para com os poetas românticos ou certas expressões deles, e talvez mais para com o falecido Casimiro, uma certa ironia ao nomeá-lo, mas não a brutalidade daquilo que me ficou na memória: "caixeiro de cretino". Sera que Antonio Torres, bondoso no fundo, houvesse suprimido o epíteto, ao incluir o artigo em livro? E uma pergunta que não tenho elementos para responder, desejando, entretanto, a afirmação.

Se o meigo Casimiro tenha parentes vivos, estonagados com aqueles e outros remoques que se publicaram contra o poeta mais popular do Brasil de todos os tempos, talvez tiveram uma compensação na carinhosa e valiosa publicação das *Obras de Casimiro de Abreu*, edição comemorativa do centenário do poeta (1939), organização, apuração do texto, encoro biográfico e notas do professor Souza da Silveira, Companhia Editora Nacional, São Paulo. E' compensação a fazer perder de vista tudo que se tenha dito imprecisamente em detrimento da obra casimirena.

O que se nota desde logo é que a tarefa não foi entregue ao professor Souza da Silveira dentro das normas comuns das edições e traduções nacionais, isto é, sem especiais afinidades estéticas: sobressai aos dotes invulgares do organizador, suficientes para o cometimento, desde as suas primeiras palavras, uma comodidade e sólida admiração pelo vate de Indalaçu, a ponto de concuir assim o escorço biográfico: "Se me cumpriasse estabelecer uma classificação dos grandes poetas nossos, eu daria o primeiro lugar a Gonçalves Dias, atendendo à excelência da sua inspiração, ao seu conhecimento real da vida, à sua capacidade de expressão poética, à sua riqueza linguística. Na ocasião, porém, de escolher o merecedor do segundo lugar, me viriam hastecadas, mas certamente um dos nomes em que eu pensaria, seria o de Casimiro de Abreu, por causa de sua poesia comunicativa, da sua enternecida mas realista evocação da nossa paisagem, da beleza da sua linguagem fácil e concisa, da harmonia de gosto que preside à estrutura dos seus poemas, e da maviosidade da sua versificação".

Pediria permissão para discordar de mestre Souza da Silveira, pois um segundo lugar não me provocaria a lembrança do autor das *Primaveras*, nem mesmo para hesitar. Essa classificação, a que o mestre alude para fixar objetivamente a sua admiração, prescindiria necessariamente do meu parecer. Quero, no entanto, chegar a um ponto de vista pessoal, dentro de outra hipótese classificativa: se me pedissem adje-

tivos para os nossos maiores poetas românticos, chamaria grandioso a Gonçalves Dias, grandiloquo a Castro Alves, grandes a Fagundes Varela e Alvarés de Azevedo, meigo a Casimiro: o meigo Casimiro. Sua obra não requer uma adjectivação com raiz na sua grandeza, porque esta não existe; o que existe é melgueleza, qualidade do que é afável, carinhoso,erto, afetuoso, doce, suave, cheio de bondade e mansidão. Por isso mesmo, nenhum outro alcançou nem a canção maior popularidade no nosso Brasil. Igualmente por isso mesmo se nota muita atitude, muita intelectualização reprovável, naquelas que desdenham o nosso poeta de coração.

Ainda agora, gracas à excelente memória musical da senhora João Alphonsus que as ouviu cantar na velha rádio mineira de Bonfim, posso citar seis das suas poesias cantadas como modinhas e perpetuadas anônimamente, sem vaidades literárias, mas de um modo a fazer inveja a qualquer intelectual desdenhoso. Com as respectivas páginas na edição comemorativa, são *Cancão do Exílio*, pág. 59, *Minha Terra*, pág. 62, *Minha Mãe*, pág. 78, *Violeta*, pág. 188, *Assim*, pág. 194, e *Uma História*, pág. 284. E poderia lhes dar aqui a música de cada uma, caso este artigo comportasse notações musicais.

A popularidade tem vários aspectos que não é despretendendo aquele que será popularíssimo, isto é, popular de tal modo a provocar uma ruge de censura nas que encaram a coisa literária arima do efêmero e do ocasional. Quem é que se lembra de Juá Bananê? O criador dos versos em pitoresco dialeto italiano-paulistano, de um gosto super-popular tipo chancinha de circo (digão isso com o olho na ruge, dos gran finos), perdido os *Mens Oito Anos*. E foi um sucesso tremendo. Justamente porque era enorme a popularidade dos *Mens Oito Anos*, tão referidos de iniquamente, contrastando na narrada com os aspectos da infelicidade de um moleque italiano-paulistano do Brasil. E a propósito, até eu mesmo, com o meu péssimo ouvido para querer musicalizar, posso recordar aproximadamente o canto desses *Mens Oito Anos*, que já ouviu quando menino, — malas uma a arescer, as noceias musicadas acima aludidas.

Portem lá algo muito mais importante do que tudo isso: o trabalho do professor Souza da Silveira. Creio que em face da atitude dos intelectuais, pode-se falar em reabilitação de Casimiro de Abreu, feito de modo definitivo. Percorreu a sua guarda pela segurança do gosto e de saber do mestre, e convenceu-se dessa rehabilitação. Não que Souza da Silveira se dispusesse a encarar a opinião do leitor para a excelência da inspiração ou a beza das imagens, com muitos pontos de exceção, em cada poema. — Simplesmente impulsionou a sua compreensão literária e a altura da sua inteligência. O problema de Casimiro era singularmente complexo e rata criá-lo, na levidade e superficialidade com que transformaram os julgamentos inageláveis, deve ter concorrido fortemente a lenda do caixeiro a versar as escondidas em papel de embulho, em cima de um balcão. Alguém, sem a autoridade de Souza da Silveira, que viesse falar em "prómeros estilísticos" de Casimiro de Abreu, "principalmente lá tempos atras recebendo chufas. Porem o teste fácia a prova:

"Norberto apreciava a Casimiro; mas haveria de apreciá-lo ainda muito mais, se soubesse que a quase totalidade do que lhe notou como defeitos e erros, era, pelo contrário, primores estilísticos e corregão de linguagem! Vejamos em outros autores a construção de Casimiro". A respeito de determinada, construída que Norberto acompara de "viciosa

redundância". Souza cita então Camões, Vieira, Garrett, Machado de Assis... Essas ameaças se repetem inúmeras vezes e mostram como não só Norberto, este oem intencionado, mas também muitos outros, merece de sensível preconceito, se exageravam erros na obra do caixeiro, mesmo quando apoiado na melhor 'união' da linguagem'.

As vezes, o anotador adquire um tom verdadeiramente sonâgo, como a respeito de surgir um choupo na poesia *Sanhanço*, pág. 245 e 247: "Reprenderam a Casimiro sendo brasileiro, em choupo. O rabaz achava-se em Portugal 1858, estava-se recordando de uma cena certamente passada em Portugal (para onde tinha ido em novembro de 1853) e não queriam que ele fosse verdadeiramente nas referências à paisagem circunstante. Pobre mocinho Aperreado, nos seus pendorso literários pela vida comercial, e, nas suas produções poéticas, pelas mesquinharias de certas críticas! E provavelmente foi destas censuras imerecidas que lhe veio o labêu de escritor 'não correto', que, infelizmente, ainda perdura".

E ainda o censuravam de falar em carvalho, em cajambra...

A situação do poeta levianamente mal apreciado conduziu o professor Souza da Silveira a demorar-se em interpretações e explicações dos textos, aí, em certos casos, seriam desnecessárias (ao menos para mim). Mas trata-se de combater uma incompreensão arraigada, e ele o faz sempre com regular cópia de exemplos dos maiores do idioma, não podendo, aliás, ajuizar da maior ou menor alcance do possível leitor casimireano... Da mesma forma esclarecem as notas as cíticas, nos versos do Petrônio Brasileiro ("Gonzaga"), D. e Magalhães, Gilbert e Dante e outros. Sobre Gilbert, assim anteposto a Dante (mais por necessidade de rima), a nota de pag. 203 é preciosissima e me ancolida:

"Minha fonte, que pende sombria, Achaia, meu Deus, invenções. E o que queremos Gilbert e Dante Correrá mais pura e mais constante No sono das canções!"

Embora colocado ao lado de Dante, eu ignorava (e como eu possivelmente muitos outros), esse "Nicolas-Joseph-Laurent Gilbert, poeta francês, que viveu de 1751-1780, autor de satiras mas que é conhecido, sobretudo, pela sua poesia intitulada "Adieux à la vie".

Com as observações sobre a linguagem do Poeta, surgem referências, incidentes à importância poética, à força expressiva, ao valor musical de alguns versos ou mesmo de poemas. Incidentalmente: não como guia intencional do gosto do leitor. Notadamente quanto à musicalidade, são preciosas as notações da métrica, igualmente mal compreendida; a começar pela pág. 84: "Vem de longe o partilhe-se as palavras no final dos versos e com o excedente preencher o imediato. Assim flizeram os gregos, assim fizeram os romanos, por exemplo Horácio, de que aponto..." (Seguem três exemplos). "Também os trovadores medievais..." (Novos exemplos). "Casimiro viveu apenas poucos ma's de vinte e um anos; além disso, teve o seu gosto dos estudos contrariado. E' possível, pois, que ele não soubesse dessa partilha do palavras do 3º para o 4º verso da estrofe sáfica tanto entre os gregos como entre os romanos, nem conhecesse as composições dos nossos trovadores medievais. Mas era verdadeiro poeta e tinha, para o verso, aquela excelência organização musical que Dous lhe deu. Isso lhe bastava para que, elevando-se acima das regras comunitárias dos compêndios, praticasse em métrica certos atos, que, aliás, o passado já havia feito, o futuro viria competir com ele. — Entretanto, um grande autor nesse, Gonçalves Dias, fidei o admirado por Casimiro, oferecia-me modo dessa transposição de silabas de um verso para o imediato".

As injustiças se acumulam e aquilo que não era censurado em Gonçalves Dias, é apontado como remanente da métrica do poeta menor... E acumulam-se as notas, não somente agradecidas ao autor do *Joca-Pirama*, chegando, quanto as silabas, a conclusões que podem ser assim resumidas: ou a última silaba do verso anterior desce para o verso deficiente (com menos uma silaba), ou a primeira silaba do verso excessivo (com mais uma silaba) deve ser lida como pertencendo ao verso anterior. Essa regra é concebida no mais das vezes para justificar o encontro de endecassilabos com acento na 5.ª e na 11.ª, entre decassilabos regulares. Por mim, dispensaria a regra: lidos em voz alta, tais onzes-sílabicos não prejudicam o embalo geral do estrofe, a musicalidade do poeta destinada mais a ser cantado. Deixar fafar...

Vivendo tão pouco, e vivendo poesia, Casimiro o fez quase três anos em Portugal, para produzir não uma só *Cancão do Exílio*, como Dias, mas diversas, enfeixadas na primeira parte das *Primaveras* com o título geral de *Canções do Exílio*, o que mostra como não escondeu a sua admiração por aquele e lhe tomava o nome do poema.

"Jesus! Como eras bonita Coas trancas presas na fita, Coas flores no sambuca!"

"(Moreninha)", pág. 124

Para afastar o hiato substituindo o ritmo do verso, isto é, uma das suas características musicais, e, no verso imediató, separar quer de ter com a intercalação de onde vive o berço, do que resultou, juntamente com a mudança da crença, um verso prosaico, triânculo, sem alma... — Como o senso natural dos verdadeiros poetas vale mais do que todas as regras, sejam da Versificação, sejam da Gramática!"

"Vejam como prima Em correr os bicos..."

... diz o sapo parnasiano da saia de Manuel Bandeira, de onde o anotador tirou aquele

verso: "formas à forma (Poesias Esculpidas, 1937, pág. 34).

Os versos verdadeiros de Casimiro são estes:

"— Basta-me um am... e deus... (na sombra...) Onde vive o berço querer ter meu berço..."

Quem é que não dará razão ao emerito anotador? Música sobreto!

Ainda sobre um verso igual a este último:

"A dor imensa da perda do futuro..."

Souza da Silveira diz à pág. 203: "desconhecendo este processo de metrificação" (o artigo a se integrar no verso anterior) —

"alguns editores de Casimiro, com a costumeira emenda, alteraram o verso para

"A imensa dor da perda do futuro..."

Mais ou menos semelhante, na intenção, é o que nota

Manuel Bandeira, na Antologia, já citada, acerca dos versos de Maciel Monteiro: (pág. 295):

"Formosa, qual se a natureza e a arte. Dando as mãos em seus dons, em seus favores. Jamais soube imitar no todo ou

parte."

"Houve quem, achando deficiente a sintaxe desse terceito, o corrigeisse para:

"Formosa, qual se a natureza e a arte..." etc.

"E' como se lê no discurso de

recepção do general Dantas Barreto na Academia Brasileira de Letras "Revista da Academia Brasileira de Letras, nº 15".

A solidão do trabalho do professor Souza da Silveira me

levou a uma releitura da obra de Casimiro de Abreu de modo que nunca faria desejado. A conclusão foi aquela — meiguice. Porque já se fora o tempo em que achava graca no dito de Antonio Torres... E' uma figura comovente de poeta namorado, borboleteando entre Juha, Elisa, Maria, Clara, Laura, Helena, e outras misteriosamente embracadas em miascas, todas donzelas. José Veríssimo achou-lhe nos versos "impressão pungente de um amor infeliz que lhe deixou a alma maledicida e para sempre dolorosa" Iapud Souza da Silveira, e ele mesmo o diz em Rosa Murcha:

"Dona lágrima orvalhada.
Esta rosa fui-me dada.
Ao meu duto belo primero."

E hoje, e hoje, meus Deus!!!
Hei-de ser de novo o primero.
No fundo dos cantinhos
Faz lucro cláusio da sua
Da canção na pedra sua
Interrogar os misteriosos"

Carpio e tira pendurado.
Pelo vento desabrido..."

Reconheça-se, porém, apena na criação literária, urgindo por um amor infeliz, caleido pela fatalidade. Outra conclusão que se tira é que Casimiro não é tão chorão como se pensava por efeito de tantos preconceitos despertados em torno dele. Não há na sua poesia linear nenhuma dor séria, ou seriamente trabalhada. O próprio problema da morte... A poesia *No Leito* começa pela citação de Alvarés de Azevedo ("Se eu morresse amanhã!"), mas no fundo o seu desejo é este:

"Queria a vida mais longa.
Se mais longa Deus me dera,
Fornice é linda a primavera,
Perquanto é linda a primavera,
Perquanto é linda a flor dos anos
Dançada da lux de sorte
Mas se Deus cortar-me os dias..."

Os nos versos mais conhecidos:

"Se eu tenho de morrer na flor das
fanoas,
Meu Deus! não seja já;
Eu queria ouvir na flor da flor,
Cantar e sabbá!"

Não é absolutamente o poeta da morte, mas do amor. Queria viver... Seu amigo F. Gonçalves Braga, num poema que ele mesmo incluiu nas *Primaveras*, chama-o de *Byron lusitano*:

"Caminha, e deixa o seu pízaro
Dançando, e cantando
A essa que nos poetas estão vendo
Com escarnio sem fim:
Encara-o com *Byron lusitano*
E diz-lhe: 'De vez ou nada entendo,
E vós nada de mim!'"

Byron, por que? Os versos *Dores*, págs. 332-334, parecem marcar dúvidas, descrenças ilusórias mortas, e o drama espiritual conduziria o Poeta às saturais, aos bordéis, ao lupunar, às *Marcos modernas*, às lânguidas *Frinés*, comparentes no poema. Trata-se, porém, de mera adaptação poética a uma atitude imaginária, sem raizes na personalidade do rapaz, muito mais sincero quando flica simplesmente no amor, ou melhor, no namoro. Então está no seu elemento, não faltando uma indicação, graca a Souza da Silveira, de que fazia até versos para os amigos darem como deles as namoradas. *Cyrano brasileiro* (ág. 306).

Devolve-se e nem uma vez fala em tédio, nem de profundiade, cacoete dos outros românticos.

O caso de Casimiro de Abreu é que, tendo morrido pouco depois de ter atingido os 21 anos, não teve nenhuma preocidade, tendo poetoado como se devia poeta naquela ocasião da vida, com os dotes que Deus lhe deu. Pouco intelectualizado (no sentido moderno de policimento), romântico portanto, gentil, suas dores são lineares, iguais à deusas mancebas que pensam no suicídio só para dar remorso às namoradas. Entrega-se ao deserto, às vezes de modo censurável, como para a virgem que preferia a dança à comandaria dela:

"Tens razão! Mais valem riscos
Finidões, desses Narrões
— Bonecos que a morta enfeita —
Do que a tua sincera e rude
De tuas, prezando a virtude,
Os atavios rejeita.

Sim! Valsa, é duc e alegria,
Mas só que eu não vejo um dia
No meio de tantas galas
Dos prazeres na vertigem.
A tua coroa de virgem
Rolando no pôr das salas..."

De uma namorada que bela é que se casou com outrem (pág. 355):

"Mas deixa fronte que sublimo tanto
Outro tiro a virginal capela."

De uma carta a um amigo (pág. 340): "Qualquer dia voi faver um anuncio dizendo que o meu coração está devoluto e quem quiser que tome conta dele". Digno de qualquer herói de Macaco. Embora, menos convincentemente, adianta:

"Feliz quem amei e é amado! Não se pode ser moço sem amar, e é por isso que eu sou moço em anos e velho caduque na alma." Mentira, Casimiro! Se fosses assim, não dirias:

"Pelos lhos, peles rosas,
Peles estrelas formosas.
Pelo sol que brilha agora,
— Eu juju dar-te, Maria,
Quarenta beijos por dia
E dez abraços por hora!"

(pág. 100)

"Porque minh'alma arraia
Andou em loucos desejos,
Quase cobrir-te de beijos
E quasi varonchar-te no orgulho!"

(pág. 226)

E ainda págs. 261, 316, 295 e outras, sendo aquela uma carta, sobre a possibilidade de um plágio... pois que numera o mau costume de roubar em literatura e o único roubo que me podem imputar é de um ou outro beijo de vez em quando" (oh! Macedo). E ainda, aquele jeito de falar em sições, inumeravelmente, desde a página 123:

"Mas naquele doce enredo,
Era vez das flores, no seio,
No seio de ti fui, huiu!"

A poesia *Amor e Medo* (pág. 219) motivou, no momento menos deu o título, o famoso ensaio de Mário de Andrade, *Amor e Medo*, publicado na *Revista Nova*, São Paulo, setembro, 1931, e depois no livro *O Aleijadinho e Alvarés de Azevedo*, São Paulo, 1935, justamente sobre os nossos românticos que tinham medo do amor: "a primeira literariedade em que a timidez de amar, se fixa nos românticos; o respeito à mulher. Parece até engracado se afirmar em respeito à mulher na taverna em que os nossos românticos bocaram os Reine, Müssel, e Byron que tinham no coração, porém, a própria maneira desbusada com que Alvarés de Azevedo as vezes trata da mulher, e cretinamente safadona" (oi! Antonio Torres) das miúsculas libertinagens de Casimiro de Abreu, são provavelmente proeiras de libertinagens, e por isso exageradas, e daquele respeito

(Revista Nova, pag. 439).

E o que provoca em Mario essa expressão torreana, são justamente aqueles versos transcritos da pág. 123. Como, a respeito dos de pag. 226: "poesia toda de um carioca, que fazia a flor da juventude, em 84 ou 85 e era o retrato vivo do Cantor das 'Primaveras' que morreria onze anos antes de seu nascimento". Digo isto em abono da honestidade materna, pois a semelhança era tal que fizera admirado, nesse que o vi na primeira vez. Não é demasia solicitar a sua

aparência, Casimiro, sim, me parece um irrealizado em amor, em que não seria precoce, mas até atrasado, ficando em minúsculas libertinagens, mas de imaginação, nos seus namorados borboleteantes, poesia do amor juvenil, bem pouco amargurado pela situação dramatica resultante da tirania paterna a querer lhe abafar o estro. Nem bem dramática, nem bem tirania. Não acredito muito naquela expressão de uma sua carta: "...maldita a hora em que comecei a fazer versos" (pág. 339). Ou de pág. 340: "... com apropriação de todos os lados e sem alegria ou distração alguma".

O pal escreveu à casa dos patrões do Poeta autorizando-os a dar o dinheirinho para a edição das *Primaveras*: "se achavam que eu assim cumprisse melhor as minhas obrigações". O velho não era lá muito irredutível: gaste-se, a'gum dinheirinho para satisfazer a veliedade do rapaz (ele lhe pedira em carta), que

"Tens razão! Mais valem riscos
Finidões, desses Narrões
— Bonecos que a morta enfeita —
Do que a tua sincera e rude
De tuas, prezando a virtude,
Os atavios rejeita.

Celebrando Casimiro de Abreu - Goulart de Andrade

Para acompanhar as oscilações do pensamento desse poeta, não me guiou pelo critério adotado nas "Primaveras", estudando as divisões arbitrárias da obra, livro por livro, — primeiro — as "Canções do Exílio" e as "Brasilianas", as "Poesias Diversas", até chegar às elegâncias do "Líbro Negro".

Príncipe escava-lhe os intuições, seguindo as datas em todo o rimário,

até chegar ao "Casimiro", que talvez seja o seu mais belo e alegre poesia, assim depois, ficando deste casal o filho a que me refiro. Além do imorredouro afeto que lhe deu a conservar sempre vivas pelo seu poeta, nunca retrô de quarto, onde dormia, um retrato de Casimiro, em busto, do tamanho natural. Olhando sempre para aquela imagem, que jamais lhe saiu do coração, isso poderá explicar o fenômeno sugestivo, que perdurou por tanto tempo, o que naturalmente determinou a extraordinária parecença do filho com o seu primeiro neto.

Am." etc..."

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Pico que uma nova edição conduzida por este critério não seria talvez obra desconsiderada, afim de facilitar o exame da evolução desse espírito melindroso e sensativo. Quase sempre simples e correntes, talvez terra a terra; em não poucos lances claudicante no bom gosto, na linguagem, na métrica... Só! Mas que coisa é que lhe dá aos versos essas transcendentais palavras hamáticas, circundando-as de uma aureola de espiritualidade? Que perfume agradete é esse que sai das suas rimas, como a atmosfera fragrante que envolvia as umidas coroelas? Que tristeza é essa de anjinhos, com suas inúmeras arquejarem em vibrações convidativas e a res lamberam as docuras crepusculares de uma terra melhor? Que sabor é esse de rosa e de cinta, de encena e descenha?

Meu caro confrade: Não encontro os versos alexandrinos de Casimiro, mas, em compensação, maioando outros, até hoje ineditos, cujo autógrafo me foi obsequiosamente oferecido pela derradeira musa dos seus dores cantares:

TUA VOZ

A tua voz vem d'alarm, fresca e pura
Como era batido de infantil adormecido.

Se cantas — das um ralo de ventura,
Se choras — tudo chora ao teu gemido!

Quando me deitas, longo tempo aíndas
Ouve-to aíla — musica divina.
Quando sorrieste desse boca linda,
Harga milheira que só Deus atina.

A tua voz me alegra e me embala;
Assim, as artas de perfumes rica,
Sussurro-me assim, suspira e afaca,
Paz, é verdade; mas o aroma fica.

(Genebra, 1860)

Conheci-a em 1883. Chamava-se Joaquima Prieto, e tinha um irmão, também poeta que foi colaborador da "Semana Ilustrada", com o pseudônimo de Luiz D'Alva, e que morreu em Lisboa, como secretário da Legação brasileira. Quando a visitei pela primeira vez, já vivia, morava ela em São Domingos, na mesma habitação onde Casimiro costumava visitá-la quando solteira. Era uma résidência campestre, mas confortável, de jardim à frente e vasto pátio, nos lados e que se estendia por muitos metros de fundo. Na sala de visitas havia dois preciosos quadros envidraçados desenhos de Casimiro, que os faria primorosos. Essa senhora tinha um unico filho, chamado Mario que morreu na flor da juventude, em 84 ou 85 e era o retrato vivo do Cantor das "Primaveras" que morreria onze anos antes de seu nascimento.

Também o drama da tuberculose rápida não inspirou ao poeta páginas sérias. A doença parece que o abafou inteiramente, tanto mais quanto não desejava na verdade morrer moço, e no prefácio das *Primaveras*, dizendo que seus versos eram "trovas de mancabe" "flores próprias da estação", prometendo "frutos de outono". E quais teriam sido os seus frutos do outono? A edição teve para mim a importância extraordinária de me revelar Casimiro prosador: seriam obras de prosa, de ficção, levemente humorísticas, discretamente machadianas, como aquelas páginas surpreendentes de Camila, Memórias de uma virgem...

Isto passa e ainda se tornará um homem prático...

Também o drama da tuberculose rápida não inspirou ao poeta páginas sérias. A doença parece que o abafou inteiramente, tanto mais quanto não desejava na verdade morrer moço, e no prefácio das *Primaveras*, dizendo que seus versos eram "trovas de mancabe" "flores próprias da estação", prometendo "frutos de outono". E quais teriam sido os seus frutos do outono? A edição teve para mim a importância extraordinária de me revelar Casimiro prosador: seriam obras de prosa, de ficção, levemente humorísticas, discretamente machadianas, como aquelas páginas surpreendentes de Camila, Memórias de uma virgem...

atenção para isto: Casimiro foi novo de D. Joaquiminha (assim lhe chamavam na intimidade) em 1860, no mesmo ano em que morreu, contando ela apenas 15 anos de idade. A nova conservou-se solteira até 1870, casando-se então com um negociante português, que faleceu poucos anos depois, ficando deste casal o filho a que me refiro. Além do imorredouro afeto que lhe deu a conservar sempre vivas pelo seu poeta, nunca retrô de quarto, onde dormia, um retrato de Casimiro, em busto, do tamanho natural. Olhando sempre para aquela imagem, que jamais lhe saiu do coração, isso poderá explicar o fenômeno sugestivo, que perdurou por tanto tempo, o que naturalmente determinou a extraordinária parecença do filho com o seu primeiro neto.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Pico que uma nova edição conduzida por este critério não seria talvez obra desconsiderada, afim de facilitar o exame da evolução desse espírito melindroso e sensativo.

Quase sempre simples e correntes, talvez terra a terra; em não poucos lances claudicante no bom gosto, na linguagem, na métrica...

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

Errado ou não, foi pelas datas, que quase todas as produções o contíguam, e na ordem dos meses, que muitas delas assimilam, que tracel o gráfico das variações antílicas do cintoril iluminense.

PÁGINAS DOS AUTORES MORTOS

I - A casa da rua Cosme Velho

(Discurso de Olavo Bilac, na inauguração da placa comemorativa a Machado de Assis)

Poucas palavras, poucas e carinhosas, devem ser ditas aqui, para que em tudo a comemoração seja digna de comemorar. Seria uma ofensa a memória do mestre qualquer manifestação que destoasse da sobriedade encantadora e do recato severo que governaram a sua vida artística e a sua vida íntima, a sua teoria literária e o seu estilo. O culto deve ser sempre adequado ao nome: bulhoso e borbulhante, para os que tiveram ou tiveram amor da adoração, pomposo — e simples e pensado, e mais tecido de ternura e de respeito do que entusiasmado para aqueles cuja sublimidade reside mais na solidez do que no brilho, mais na verdade do que na aparença, mais na harmonia temperada e justa do que no exalação nem sempre fecundo. Quando se dirige a certos homens, ainda a mais ardente admiração há de ser calma e raciocinada, se quiser honrar a seu objeto. Machado de Assis temia acima de tudo o bulício e a cintilância das palavras vazias, que tanto agride os espíritos futeis. A sua face triste e suave, o seu modo natural, a brandura da sua palavra e do seu gesto, a modéstia dos seus gostos, a moderação dos seus juros, a sua filosofia que condenava como os crimes, as cegueiras da paixão, e o seu estilo que repudia como vícios ou exageros retóricos. — todo nele aconselhava e pedia, não o aplauso frenético, mas a satisfação sincera e a consideração inteligente; tudo nele parecia dizer: não me admireis; amai-me, e compreendei-me.

Amararam-no com extremada ternura os seus íntimos; compreenderam-no e compreenderam-no os seus companheiros e discípulos; os seus irmãos em arte, aqueles que, pelo hábito de pensar e de escrever, podem sentir e entender o inegável tesouro de ideias e de expressões que se encontra nos seus livros, monumento perene votado à glória da língua vernacular. Não o compreenderam ainda todo o seu país, porque ele foi de algum modo um homem superior à sua época e ao seu meio; mas essa compreensão unânime há de vir com o tempo, com o aperfeiçoamento progressivo e fatal dos homens, com a fixação definitiva de uma cultura geral que já começo a afirmar-se.

Então o mestre será admirado, com admiração consciente e precisa que a sua obra requer; e a história da nossa civilização há de guardar, com orgulho, esse formoso legado, esses livros em que o ceticismo vive de par com a piedade, em que a misericórdia da misericórdia humana tempora o amoroso da ironia, em que a descrença e adoração pela bondade, e em que as ideias, meigas ou duras, de tolerância ou de revolta, sempre se vestem de uma forma pura e nobre, simples e majestosa, allando a força à graça, a energia ao bom gosto.

A cerimônia de hoje é íntima. É a romaria dos primeiros fiéis. É a primeira peregrinação dos que sentiam assoberbado culto. E é a homenagem da família ao chefe que perdeu.

Um dia, descrevendo a austera figura de Spinoza, em um soneto de rara beleza, Machado de Assis mostrou-se o filósofo, grave e solitário, no seu retiro de lida e pensamento, apartado das vãs ambições, das cobiças grosseiras, cativo apenas do mundo interior de suas idéias:

"Soem ca tora agitações e lutas,
Sibile o bafo aspírito do inverno,
Tu trabalhas, tu pensas e executas,
Sobrio e tranquilo, desvendado eerto,
A lei comum e morres, e transmutas
O suado labor no prêmio eterno..."

Inspirou e ditou estes versos uma afinidade real entre dois espíritos de ciélio. Sem o temperamento, nosso grande escritor teve a mesma dignidade de vida, a mesma abnegação modesta, a mesma escravidão, o domínio exclusivo das idéias — e o mesmo gosto da solidão, que, em certos homens, não é timidez, nem orgulho, mas somente a tristeza de quem se reconhece diverso do comum das gentes, e fadado a viver, sem ignorar, no menos, mal entendido das suas contemporâneos.

Como não recordar esses versos, na visita que hoje fazemos à casa do escritor, filósofo, um ano depois da extinção da sua vida?

Aqui viveu Machado de Assis vinte e quatro anos de trabalho sem tregua e de pensamento incessante. Neste quieto recanto da cidade, longe de "agitações e lutas", fugindo à curiosidade pública, ao louvor da multidão, a popularidade fácil, e a sedução brilhante, mas estéril da política, dividiu ele o melhor da sua existência, vinte e quatro anos da sua maturidade fecunda, entre o goso recatado da sua felicidade doméstica e o goso igualmente discreto da sua arte.

Aqui sonhou, aqui penou, aqui edificou a sua glória. Noite alta, entre estas folhagens amigas, que resguardavam zelosamente o ninho do seu afeto e a oficina do seu pensamento, brilhava, o clarão da lâmpada que alumia a sua operosa vigília. Conheceram-no bem estas árvores, estas flores, e as aves que o saudavam ao romper da manhã; todas as coisas inanimadas e todos os seres inocentes deste poético reino conheciam e amavam aquele austero e aquele meigo beneditino, voluntariamente clausurado na tarefa paciente e no sonho criador.

Aqui experimentou ele, com a satisfação de ser amado e com as agruras dos padecimentos fícticos, o prazer de tratar o idoma que prezava tanto, as torturas da análise interior, os sobressaltos e angustias da criação literária, a febre a um tempo deliciosa e cruel da composição, e a ansia dos que correm atrás da perfeição esquiva... Daqui saíram muitos dos seus melhores livros, vasta cadeia de primores, coroados por essa flor de sandália e amargura, por esse amável "Memorial de Aires" onde, sob o véu de uma fiorão romanesca, alma viúva e fértil do escritor celebre na virtude e na ventura de um lar modelado, a antiga ventura e a antiga virtude do seu próprio lar enlutado. Aqui, por vinte e quatro anos, ele trabalhou, pensou, executou a lei comum, morreu e transmutou.

"O suado labor do prêmio eterno..." E aqui vem hoje a Academia Brasileira trazer-lha a expressão comovida do seu respeito e da sua saudade. Perdendo o mestre, não perdemos o exemplo constante, a viva lição, o modelo nobre que ele sempre nos fôr. Há de acompanhá-lo na morte o mesmo afeto que lhe dedicamos em vida. Aqui vimos e viremos; e aqui virão, quando tivermos desaparecido, aqueles que nos sucederem.

Já, trés de nós, depois de Machado de Assis, no escasso prazo de um ano, desertaram também, levados pela morte, do seio da

companhia. Mas toda a nossa força reside na continuidade moral da nossa missão. Não nos sucedemos apenas, também nos continuamos; mudam-se os nomes, mas fica o ideal que os encadeia: há de perdurar, na Academia, exemplar e consoladora, a memória do Mestre. E há de tempo mortífero e doloroso devorar esta placa de bronze: não de uss heróis e as chuvas arruinar e alhar esta casa; — mas se um horrível catástrofe social não dispersar esta nossa raça e não amigar a língua que falamos a nossa romaria de hoje terá sido o inicio de uma glória eterna.

Rio — 29-9-1939.

2 - A CARTA

(DA NOIVA MORTA)

Que lindas são neste papel longadas
As suas letras finas e elegantes!
Quais linda estão de lágrimas baixadas,
Aljofradas de lágrimas bellantes.

Quais mdo o olar de suas mãos heridas
Tem nos trêmulos hastas contínuas...
Carta, cubro-te as páginas amadas
De um dílar de beijos alegres.

Ela passou suas dedos em de rosa
Sobre estas lindas. Sinto-lhe o perfume...
A pena aqui rota-lhe nervosa.

Aqui — Saudade — vejo escrito, vejo
O sinal de uma lágrima, e o queimado
Há no papel e a mosa de um beijo.

ALBERTO DE OLIVEIRA
(Cidade do Rio — 23-10-88) — 1880

3 - Espigas históricas - Raimundo Correia

Era um dia um gênio horrendo, e gênio do Barbarismo, que do seu trêveso abusivo formava príncipe vendo, lido encantado por tal beleza espelhante, se por tal beleza espelhante, que o feroz monstro insolente conquistaria então jurada.

Era a princesa linda, que ao feroz monstro dizia que jantar jantava serva sua, filha do mar e da lua, nascida em noite tormentosa.

Embalada pela vaga, no berço leito de espuma, como a brando e leve pluma que o vento de praia em flaga, incansante, levando, assim, da praia águas, lugando ás terras matuscas, ia algemada horrienda.

Era seu corpo formado de uma pérola intelecto; seu olhar era fulgente, por luz misteriosa, alaranjado, afirmava que por encanto, se por acaso cansava, os tormentos geravam com seu dediccionado canto.

Que desdoso ardente e lanca não tinha por elas o vento, que ao passar, como um encanto, segradava-lhe em voz rouca uma brase arroxada, on as tristezas endechas das suas eternas queixas, que ouvia enhorizada.

E a princesa, sem clemência por tanto amor, se seguia, cantando a eterna alegria da sua eterna incerteza.

Como disse, o gênio horrendo, o gênio do Barbarismo, que a vira um dia do abuso, juntar-lhe amor, mas vendo que o fado resistia, que dele se haveria, desta forma se engraxo, sequestrado-a à luz do dia.

E a princesa entebreida por ventura tão estranha, sentiu sensação lânguida, que causou enlonguecida.

Deste consócio ditoso, naquele longue desmaio, nasceu logo elêtrico raro, tão ridente e tão formoso, que tinha a luz que pompeia no assestando das rosas, e as canções lantasiosas da vaga que bebia a areia!

Fugindo ao outro mesquinho, todos as tardes a horrendo e esse raro fulgurante andou pelo

espaço errante, até que encontrando um ninho no cérebro de sua porta, pôr das luz e encantamento aos sonhos do pensamento, nessa tarde se abriu.

Desde então as alegrias, as tez das canções, eternizaram pelas areias as meigas Sinfônias que o poeta náufrago nas rotas que fazia, quando insuado tangia o alarde sonoro.

Eis porque não há seres que tanto, tanta seduza, como essa encantada Musa deles — mundo Corrêa.

D. FUNÇAS

(Novidades de 1-6-1937).

4 - Lembranças de Petrópolis

Raimundo Corrêa

E' a cidade amea e alegre;

E' a verde Petrópolis em flor;

E' Petrópolis, sim, ande, viajosa;

Cada palmeira uma tembrança

De Teresa e do velho Imperador;

E' Petrópolis bela, que assim

Num claro dia da estação enlameia;

Pela boca do amargo trovador;

— "Vem nos ares salubres da montanha

Lavar-te, ó musa cortesia, ro

Como o lirio, que o seu avo

A fresquidão ambiente, a alma

No higiênico fluido matinal

Vem! Gaiga de Petrópolis a

E dos teus horzequinas, no Piau

Sacode o pé da insecto capitó!

"Bem que pretilas cerimónias

Ao gesto simples da serra

Despe o teu corpo de pesadas

E, vestida de pétalas, a noite,

Vem meu hábito puro ressuscitar;

Vem percorrer-me as ladeiras

De magnólias, sentindo con

Golfinhas de bom ar...

"Aqui verás, em breve, como

A capital, com asco e in

Ela é um monstro hediondo em

Canos de esgoto — em vez de

A vasa e a corrupção!

Em mil betes das imundícias

Todas as feras, que o Europa

Lembra, Lembra,

— Canos de esgoto — em vez de

Sangue ruiva

Em que vira

Que ganham por lá durante

Durante a noite rêm gastar por

Joá,

Musa, entate-os de mim, raiosa e dura,

Que os não reia eu de novo, em

Imeus umbros,

Deixa-as ferver na illa Gomor

Ira: — é reia

Que das outras nações a turpa

Ferve, como em caldeira

Imeus nubes,

A febre do ouro, ou antes a

"amarela".

Em que arde a capital, met

Imea, devora-a!

E não pensemos em tal cosa

Imais!

Da correspondência de Casimiro de Abreu

Carta a seu amigo Francisco do Couto Souza Junior, residente em Porto das Caixas

Rio 27 de outubro de 1858.

Querido amigo.

Li a tua carta e a merecida acusação do meu silêncio.

Que queres? Eu sou dum: preguica e dum desejo incorrigível, mas sim perfectamente que isto nada influa nos meus sentimentos. Sinto muito dizer-te que não fiz, nem fiz a tal glosa que me pediste e espero que não te has de zangar comigo por tão pouca coisa.

Não me fales mais em Primavera, maldita a hora em que eu comecei a fazer versos! Parece que por uma fatalidade

todos os que tem essa mania têm de sofrer constantemente! Bem sabes o desgosto que me acompanha e que me tem mudado o gênero para uma tristeza que nada consola; bem sabes a luta constante em que tenho vivido, porque infelizmente não tenho um Pai, como os outros que auxiliam e protegem a vocação de seus filhos. Tenho sido sempre contrariação em tudo. Hoje tenho o meu futuro perdido e a minha morte dada gosta moralmente. Amararam-me numas escrivaninhas, querem que eu siga a força uma carreira para a qual não posso ter inclinação, e querem que eu viva satisfeita!

Há pouco tive uma deceção que tirou as minhas últimas esperanças e fêz-me quase descrever de tudo e de todos. Digo-

te confidencialmente como de coisas não mudarem eu mato-me ou fugo e vou ser marinheiro... Tu não podes fazer uma ideia da dor que sinto por ter perdido a minha carreira e da vida triste que eu levo, com desgostos de família, com aparições de todos os lados e sem alegria ou distração alguma.

Também dizes que estás triste e eu vou logo perguntar ao Tomaz qual a razão. Faz ideia que há de ser volta de namoro. Ao menos é feliz porque tens namorada e tens a certeza que ela te ama. Eu nem isso! Vivo como um monje e com o meu gênio exquisito não acho pecaminha que goste de mim (talvez porque não procure).

Gostam dos meus versos mas da pessoa nada sabem, e eu estou aborrecido que nem me importo com elas. Quando quero

... vou às mulheres de Mármore, gasto os meus \$5000 e não tenho jeito para paixões românticas. Qualquer dia von fazer um anúncio dizendo que o meu coração está devoluto e quem quiser que tome conta dele.

Feliz quem ama e é amado! Não se pode ser moço sem amar, e por isso que eu sou moço em anos e velho caducou na alma.

Agora vou perguntar ao Tomaz qual o profundo desgosto que te faz andar triste. Se não somos irmãos pelo sangue, sejamos ao menos pelas dores como sempre temos sido pela amizade.

Teu do coração
Casimiro.

A vida e a obra de Fagundes Varela

Paulino Neto
(da Academia Fluminense de Letras)

VII

A ORRA DE VARELA

E, no entanto, não é homogeneia, una, apresentando em todos os seus elementos o mesmo quílate, mantendo em todos os poemas que a compõem a mesma e alta quantidade dos mais notáveis entre eles. Comparando-a, por exemplo, com a de um grande poeta contemporâneo, com a obra de Bilac, esta, por certo, é muito mais igual, mais homogênea na sua perfeição. Bilac é sempre Bilac, tem sempre o cunho próprio e único que, em qualquer de seus versos, marca e assimila a sua personalidade, o seu modo especial. E, no dizer dos críticos mais autorizados, "um dos sainas pelos quais é possível reconhecer os homens de primeira plana, porque que é um certo timbre de uniformidade de que todas as suas obras se apresentam marcadas". Ora, Varela produziu muito, produziu sem método, trabalhou sem ritmo, muitas vezes terá compostos mesmo, sob a ação mais ou menos forte e perturbadora do álcool. E por isso, embora notável em seu conjunto, a sua obra não deixa de ser, entretanto, desigual, incerta e variável. Alguns monofônias, alguns versos

frólicos, outros duros, muitos em que o poeta ficou estranho inteiramente ao trabalho do verso-selador. Mas nos seus poemas, por assim dizer, padões, naquelas, e são inúmeros, em que ele empregou o melhor de seu espírito e de sua forma, em que deu a medida justa de seu estro. Varela também sempre Varela, inconfundível e único, na música no estilo da frase, na cor das imagens, na técnica do verso.

Um dos grandes defeitos de alguns de seus poemas é que "Franklin Tavora" aponta, é o abuso dos adjetivos, a adjetivação imprópria, excessiva, de tal modo que quase não se consegue encontrar um substantivo sem o acompanhamento de um atributo qualificativo qualquer. Dir-se-ia que aí o adjetivo entra, não para completar a ideia, para colorir o conceito, para exprimir uma qualidade integrante do pensamento do artista, mas exclusivamente para compreender o metro, para acabar o verso ou fazer a rima. E' verdade que "Musset", já em 1826, na "Revue des deux Mondes", aponhava a adjetivação como um dos vieses dos românticos de segunda plana. Mas, mesmo os grandes românticos, não escaparam da pecha por véses, e entre eles o nosso Varela. E o defeito, então, se avoluma quando o poeta force o estro em gênero estranho ao pendor natural de sua inspiração. Lede, por exemplo, todas as poesias do "Pêndulo auriverde" e verás que não é exagero: a adjetivação é mais ou menos canhestra, em todos esses poemas, na maloria inspirados pela chama da "questão Christie", e, muitas vezes, o livro tenha lhe dado uma imensa popularidade no meio da opinião pública, exacerbada pela brutalidade desatada do ministro inglês, o Varela ficou muito abaixo de seu próprio estatuto. E' que lhe não pulava na alma a veia patriótica, tanto assim que como observa um de seus críticos, a guerra do Paraguai transcorreu do princípio a fim, com lances não raro emocionantes, sem arrancar, ao que se sabia, uma estrofe sequer no vale fluminense, que, na época, era no entanto, o grande poeta do sul. Ao contrário, o gênero épico, condorciano, patriótico, nos poemas do norte, já havia atingido um diapasão altíssimo nas estrofes de fogo de "Castro Alves", de "Tobias Barreto", de "Vitorino Palhares".

Mas, em compensação, quanta beleza de sentimentos de outra ordem cintila, através de requintes de forma e de metro, nos versos de Varela. Quanta simeleza, quanta naturalidade na evocação, momente quando, poeitando em sonho, caminhando talvez por aquelas longas estradas, que tanto amava, ele se evadia para o tempo feliz de sua infância. Escutai-o falar em "Juventina":

"Saudades! Tenho saudades
Dasqueles antigos azens,
Que a tarde e o sol inundava.
De ioures toques de lair!
Tenho saudades dos prados,
Dos canteiros, dos jardins
E das flores da Ave-Maria.
Que o sôno da frucreza
Lameava pela amplitude:
Oh! minha infância querida!
O! doce quartel da vida!
Canso passava depressa!
Tinhas de abandonar-me,
Por que, talvez, amava-me?
Cem, talvez, que é que me queria?
Por que, por que, por que?
E a face de cíereas ditas?
As lindas tias bonitas?
Cubriste de lama e fei?"

Ou, então, quando da humildade de sua pobreza, da modestia a que o reduzia um velho complexo de inferioridade, o poeta modula, um cântico de amor tão triste, tão de voz conhecido e que ele por certo recitava como quem rezasse:

"Não te esqueças de mim, quando eras
Perderes a tua no idílico manto:
Atrai a brisa festiva roçar-te a
fronte.
Não te esqueças de mim, que te amo
Itanto
Não te esqueças de mim, quando es-
fenturas
Gesas a rota na floresta escura,
E a sardona viola de tropeiro
Desfazes-te em gemido de tristura.
Quando a flor do verão, aberta a
lindo,
Pejar os ormas de suave encanto:
Lembrai-te os dias que passou cantando,
Não te esqueças de mim, que te amo
Itanto
Não te esqueças de mim, quando a
Itardinha
Se cobrirem de neves as serranias,
Na torre alvante o sacro bronce
Desejamente noventas freguesias!

Quando de noite, nas serões de in-
verno,
A voz solitária modulando um canto:
Lembrai-te os versos que inspiraste
nas hards.
Não te esqueças de mim, que te amo
Itanto
Quando os anos de dor passado hou-
veram,
E o frio tempo consumiu o pranto,
Guarda ainda uma Música a teu poeta,
Não te esqueças de mim, que te amo
Itanto

Onde Varela, entretanto, atinge tanto assim que como observa um de seus críticos, a guerra do Paraguai transcorreu do princípio a fim, com lances não raro emocionantes, sem arrancar, ao que se sabia, uma estrofe sequer no vale fluminense, que, na época, era no entanto, o grande poeta do sul. Ao contrário, o gênero épico, condorciano, patriótico, nos poemas do norte, já havia atingido um diapasão altíssimo nas estrofes de fogo de "Castro Alves", de "Tobias Barreto", de "Vitorino Palhares".

Mas, em compensação, quanta beleza de sentimentos de outra ordem cintila, através de requintes de forma e de metro, nos versos de Varela. Quanta simeleza, quanta naturalidade na evocação, momente quando, poeitando em sonho, caminhando talvez por aquelas longas estradas, que tanto amava, ele se evadia para o tempo feliz de sua infância. Escutai-o falar em "Juventina":

verso romântico, segundo a observação de "Lanson". Entre nós é o contrário que se verifica — porque o modo de falar é suave, porque a língua é bela e já de si, sonora; foram os nossos românticos, desde "Gonçalves de Magalhães" e "Araújo Porto Alegre", que vulgarizaram e, muitas vezes, nas suas produções de maior emoção, como Varela, preferiram, mesmo, a harmonia mais util, mais requintada do verso branco ao poético da rima, elemento puramente melódico da composição.

No "Proscrito", no "Cântico do Calvário", no "Evangelho das Selvas", no "Diário de Lázaro", os versos brancos atingem em Varela modulações tão altas e tão perfeitas, que ao escutá-los, — tão cantantes e harmónicos são, — não chega o ouvinte a perceber a usinada absoluta de rima. E' pelo logo das cesuras e dos hemisíquios, pela distribuição das tónicas e das pausas, apenas, pelo emprego adequado dos finais tonantes, pela polifonia das vogais, e das consonantes, pela remessa habil ao verso seguinte de palavras que completam o pensamento do verso anterior, a que os franceses chamam "enchaînement", é pelo manejo perfeito de sua arte, enfim, que Varela consegue deste gênero difícil de versificação efeitos mágicos, só comparáveis aos de certas passagens de "Gonçalves de Magalhães" em "Napoleão em Waterloo", por exemplo. Mas tenho para mim que Varela o supera. Tivesse eu a arte difícil da declamação e veligie a beleza musical desses trechos do "Cântico do Calvário", a nênia imortal da língua, a elegia mais dolorosa que já foi posta em verso pela paixão humana. Tendes tudo ao desuso de as notas agudas que traduzem a angústia lancinante da alma que grita e que protesta, até os acordes baixos, soluçantes, em tom menor, de quem chora baixinho:

"...na vida a pomba prefigura
Qu... obre um mar de angústias contida
O ramo da esperança... era a es-
Itrela
Que entre as névoas do inverno
Itava
Apontando o caminho ao peregrino...
Era a noite de um amor sublimel...
Frax a glória, a inspiração, a pás-
O porvir de teu pão! — Ah! no en-
Itanto
Astro — varon-te a flecha do des-
Itanto
Astro — ergui-te o temporão do
Itanto
Teto — caíste Crengá — já não vives!

Mas Varela era um poeta cristão por natureza, pernidente e contrito de seus próprios erros; é nitido em toda sua obra o sentimento de culpa — a culpa de seu vício que o aterrava, a culpa que trazia tão bem no "Proscrito", em que fala ao filho, ainda vivo, e mais tarde em "Sombras", onde eu sinti no fundo da tela humbrosa o meloso vulto de Alice Luande,

que tanto sofreu por ele. Era erástio e humilde e, por isso, aos protestos de rebeldia, com que começava a subir o seu calvário de paix, seguiam doces melodias descriptivas; a imprecação cui aos poucos, e ao fim a sinfonia do dor termina entre notas claras e puras, num "andante vivo", quase "allegro", em que o tema musical é uma esperança luminosa, a esperança do céu: "Mas não! Tu dormes no infinito solo do Crâneo das sereias! Teu sono falso! Na voz das ventos, no choro das lágrimas, Talvez das ondas no respiro flutua! Tu me contemplas lá de cima, — quem sabe! No vulto saudoso de uma estrela... E' tão sôno râsos que mere este aquecimento! Pois bem! Mostra-me as voltas do Iraminalho! Brilha e fulgura no arcanjo da morte! Manda-te arreios! Merlina da morte! Minha é a coroa! Merlina da morte! Minha é a coroa! Merlina da morte! Merlina e fulgura! Quando a morte tria Sobre mim sancio serão os das sãas, Escada de Jacob serão tais râsos Per onde azinhau subiria mesmista".

Foi um verselador emérito, mas não teria chegado à posteridade se não tivesse sido também, um grande poeta, um grande poeta que fez refletir em sua obra, com a sinceridade e a fidelidade que só as almas bem formadas possuem, todo o seu drama interior, toda a sua vida. A obra de Varela reflete a personalidade, em seus próprios vícios, como em suas virtudes, com o espelho refletir o vulto que lhe chega à frente. Há homens, e superiores, pelo talento, que produzem e deixam uma obra, bela por vezes, mas estranha a si mesmos; vivem num estio e produzem noutro. Varela não; exceção feita de alguns "pastiches", de algumas composições protocolares, de pura convenção — e inferiores por isso mesmo — pôs em cada verso um pouco de sua própria essência e em cada poema um transe de sua própria vida. Pensa que cada uma de suas produções não esteja precisamente dataada; poder-se-ia fuser-lhe a biografia com os próprios versos. Mas de tal forma a obra expõe a vida do homem, que por ela podemos recompor as qualidades mais características os estadios dânia mais típicos as preocupações mais constantes e, até, as obsessões mais insistentes do poeta. E é desse confronto entre a sua obra e a sua vida, que a figura de Varela surgiu mais perfeita e mais bela, como homem, como poeta e como cristão. Seria assunto para um estudo empolgante no qual, tanto quanto belezas literárias, encontrariam ensinamentos morais, porque, transviado e errado, embora, ébro, pustilâme diano dos embates da vida. Varela tol um bom e um simples, foi um crente e um justo, cujo espírito provado por todas as amarguras deixou musicalizada em versos a mais nobre expressão de h... cristão.

(Continua)

CELEBRANDO CASIMIRO DE ABREU

(Continuação da página 155)

obra nos costumes, ao céu, e à alma da paisagem:

"Quero morrer cercado de perfumes
Dum clima tropical,

E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal;

Minha campa será entre as manas
Banhada de luar;

E eu, contente, dormirei tranquilo
A sombra do meu lar.

As cochoeiras chorarão sentidas
por que cedo morri...;

E eu, no segredo meus amores,
Na terra onde nasci..."

(Meu lar — Lisboa, 1857)

E naquela tarde, casta e lundosa, albergo a mim mesmo, quedei a haurir ignoto perfume, eructando uma harmonia, uns solços e uns suspiros tais, que dantes nunca os cuvira nem sentira, porque riam, murmuravam, vozes e aromas de um mundo quimérico, que abla o pôrto para o meu sonho, ali a beira de uma secura...

* * *

Sempre que de qualquer cidadão da antiga Helada saia uma voz — dizem as crônicas — levava a expedição a imagem do deus — patrono, e com ela, aticado e vivo, o fogo santo! Atingida que fosse a terra de adega, esculhava os esgrangados numa colina para o templo, depositando ali, a efusão reverente, e mais o lume em que para elas crepitava a alma da patria longínqua...

Se para o doce luto tutelar, a cuja sombra me acolhi, não pude erguer um templo que chagasse a entrar com as nivens, senão num pobre nicho humilde, não deixarei contudo, que, diante de sua imagem, re agape — nunca a chamei votiva do mais fervoroso dos afetos e o incenso puro da mais enternecida saudade;

BECO



Ante-manhã,

garoa,
a luz se apaga e a rua cisma;
vultos que a sombra traga
batem e chamam:
— Margarida...
— Sonia...

Naquela veneziana mais escura
ha uma nostalgia, uma ternura,
uma velha cantiga da Polônia.

AFONSO SCHIMIDT



Túmulo de Casimiro de Abreu, no cemitério da Barra de S. João. Esta colocado ao lado do túmulo do poeta.

Uma questão de mitologia nas "Cartas Chilenas" — JOAQUIM RIBEIRO

Confesso que é para mim um prazer dialogar com Afonso Pena Junior, espírito de esplêndida erudição e de cativante cavalheirismo intelectual.

Prazer maior seria poder concordar com o notável exegeta das "Cartas Chilenas", mas, sou sincero, e é a sinceridade que me impede de saudar e festear a verdade com o mesmo e caprichoso vinho de suas saborosas lieges.

Não me sinto convencido, e fui educado na escola em que o direito de divergir significa o pensamento e constitui a verdade humana força do espírito humano.

Divergir, em nosso caso, ainda é a melhor maneira de nos entendermos.

Afonso Pena Junior atribui minha divergência a dois pontos:

I — Não ter levado em conta, como ponto de partida, a fórmula de divergência que *Thetys* (com y) significa *per se* o mar e *Thetis*, só o significado por metonímia.

Analsemos, porém, os fundamentos de tais objeções.

I — A GRAFIA DOS MANUSCRITOS CRITOS

Diz o meu erudição e eminentíssimo opositor que eu não considero o fato de aparecer nos manuscritos das "Cartas Chilenas" a grafia *Thetis* em vez de *Tethys*.

Não considero e nem deveria considerar, pelas seguintes razões:

Primeiro, porque os autores clássicos não possuíam nem haviam precisão na gráfic. Basta lembrar a respeito da propria grafia desses dois nomes mitológicos o que diz o eminentíssimo camionólogo José Maria Rodrigues na obra "Algumas observações a uma edição comentada dos *Lusitadas*" (Coimbra, Imprensa da Universidade), trabalho infelizmente desdenhado por A. Pena Junior. Assim escreve o sábio comentador:

"Apesar da confusão gráfica das dois nomes, que, nas duas primeiras edições dos "Lusitadas", são escritos *Thetis* (Tethys uma vez), o poeta distingui bem as duas entidades. Basta comparar V. 52, I com VI. 21 e IX. 85". (Obra citada, pág. 65, nota 1).

Segundo, porque os manuscritos das "Cartas Chilenas" são cópias e todo exegeta, de bom aviso, não deve confiar cegamente em documentos dessa natureza. Aliás, o próprio Afonso Arinos não é fanático dos textos manuscritos, tanto que erroneamente pretende emendar, noutra passagem, a expressão "a paridade", que está certo, por "a pureza" que não se enquadra no contexto, conforme prova no minha crítica inicial.

Ora, se não há, nos clássicos, precisão gráfica e nem os manuscritos são originais, claro está que não incidi em nenhum vicio de lógica (petição de princípio).

O comentador devia partir, portanto, da exegese lógica que traz: verificar a que entidade mitológica se refere o texto, se a *Tethys* ou a *Thetis*.

A gráfic por si só não é ponto de partida, uma vez que escrita desses nomes mitológicos não houve jamais uniformidade entre os clássicos.

Portanto, não procede a objecção do meu ilustre opositor. Prevalece, por consequência, o ponto de partida da minha exegese lógica e a procedência de minha exegese filológica.

II — O ERRO DE APRECIACAO

Acusa-me ainda Afonso Pena Junior de resvalar num erro de apreciação e escreve:

"O engano, meu ver, está em supor que uma das deusas significa *per se*, diretamente, o mar ao passo que a outra só por translação do sentido teria tal significado; quando a verdade é o oposto.

que tanto num como noutro caso, a ideia de mar resulta de uma metáfora, e é sempre figuradamente que se traduz a palavra suar pelo nome de qualquer das deidades marinhas".

Ora, esta assertão de A. Pena Junior é que me autoriza a dizer que o erro de apreciação é de sua parte.

Vejamos a lição dos mitógrafos.

Tethys tanto quanto o Oceano, ensina Arnaldo Foresti na obra "Mitologia grega" (Milão, 1892) é considerada "divinità cosmogônica". E explica: "Como é que é o padre universal, esse *Tethys* era considerado como madre". E logo adianta: "Madri erano sovente chiamate le acque". (pág. 38).

E' sabido que os gregos antropomorfizavam as forças da Natureza. *Tethys* é a água, o mar. A sua representação humana é que é uma figura, um troco.

Decharme na sua "Mythologie de la Grèce Antique" (Paris, 1836) elucida, com c'reza, a questão:

père qui est Ocean et d'un autre qui est Tethys. Tethys, la mourre, c'est l'eau, considérée dans son action féconde.

Quando o poeta das "Cartas Chilenas" olhou o sol descansando "no regaço de *Tethys*" certamente não poderia ser a entidade de mitógrafia.

Hermann Steuding na sua "Mitologia grega y romana" (trad. esp. de J. Camón Aznar), 4ª edição, 1934, II. de la Ville de Mirmont na sua "Mythologie" e outros mitógrafos modernos explicam a mito'c'ria grega pelo "creanímismo", atribuição de um princípio vital às forças da Natureza, ou como ensina Mirmont: os gregos representavam "les thémomènes de la Nature sous la forme de personnes vivantes". Veja-se, por exemplo, o que Decharme diz de Achelôos:

"Achelôos, fils d'Océan et de Tethys, ne désigne tel cours d'eau déterminé: il est la rivière en général".

Tethys, como o Oceano, é igualmente um elemento da Natureza: a água, o mar.

Erro de apreciação é pensar, como Afonso Pena Junior, que *Tethys* (com y), personifica o mar por metáfora. Ao contrário, *Tethys* é uma divindade cosmogônica, identificada com a própria Natureza, a água.

O erudição Afonso Pena Junior não quis ir aos mitógrafos, e creio que por isso não pode esclarecer a questão que é, como o próprio reconhece, de mitologia.

E' de mister, portanto, descrever o fato geral mitológico (*Tethys*, a água, o mar) e o fato particular (*Thetis*, herida), que, por metonímia representa o mar, segundo o uso de alguns poetas latinos).

Está, por consequência, de pé, a minha exegese não só do ponto de vista lógico como também filológico. Critilo quando versou:

E, apensas, Doroteu, o sol declina

A descansar de *Tethys* no regaço

logicamente se referia ao elemento da Natureza: o mar a *Tethys*, e filologicamente só poderia ser essa deusa nella associada sugestiva entre "regalo" e o significado etimológico de *Tethys* (amamentadora).

Defender outra exegese é querer comvirar os simbólos e obstruir o que está claro.

Por todas estas razões não posso reconhecer a procedência da arguição do eminentíssimo Afonso Pena Junior, cujo talento aprecio, cuja erudição arundo e cuja personalidade admiro tanto quanto estimo.

Não termino sem dizer que as relações do meu último artigo, tão maliciosamente interpretado por meu ilustre opositor, nada mais eram do que um convite ao diálogo. Estou certo que o prazer de dialogar é uma heresia venial e permissiva.

O poeta do amor e da saudade - José Veríssimo

Casimiro José Marques de Abreu era natural da Barra de São João, na província do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1827 e morreu em 1880. Seu pai, português como o de Gonçalves Dias, como esse o destinava ao comércio. Menos tratável, porém, que aquele, quis obrigar o tal, o exílio, como, imitando a filho a ficar numa prissíssima Gonçalves Dias, lhe chamou que este era de todo avesso.

Dos poetas da sua geração e sua sensibilidade orgânica e lhe daria ao estro o tom nostálgico que entre qualquer, o poeta do amor e da saudade. Os dois sentimentos são a alma da sua poesia. Este pobre rapaz fraco e enfermigo encarava poeta, cum a sensação viva, dolorosa do que o grande poeta latino chamava as lágrimas das coisas cujo mortal encanto lhe penetrou as e que celebra, é principalmente drama íntimo da sua vida, o desconhecimento do seu talento, a contrariedade oposta à sua vocação e, acaso, as imperfeições do lar paterno, tudo teria sido exagerado até ao trágico pela sua sensibilidade doentia. E grande a magoa que de tudo lhe vem; grande, real e sincera. Da sua vida amorosa nada de certo sabemos. Os seus biógrafos, mesmo aqueles que mais intimamente, parece, o conheceram e trataram, como Reynaldo Monteiro e Teixeira de Melo, divagam e amplificam segundo tem sido aqui o meu este amoroso amava o tornozinho dos biógrafos, em vez de natal, a casa paterna, a vida.

SONETO



Ter um livro entre as mãos e não ler uma frase, Pensando nesse alguém que passou sem me ver. E cruzou seu olhar com o meu, num fim de tarde calma, E deixou, na minha alma, o que não quizera ter...

Pensar, ingenuamente, que num dia nunca visto Ela pousará de leve a mão sobre o meu ombro E me ha de chamar meigamente de irmão, Olhando dentro dos meus olhos surpreendidos...

Pressentir a sua carícia mansa na minha cabeça, Embalando e adormecendo todos os meus pensamentos. Tristes, ó tristes, como crianças que estão para morrer.

E adormecer sorrindo à miragem de sua vinda, Que encherá de ternura o meu ser desigual E rete ha de deixar o sinal de sua sombra...

LEÃO DE VASCONCELOS

lhe investigarem a vida e de a contarem sem impertinências recatos (1). Nos seus versos, porém, há a impressão pungente de um amor infeliz que lhe deu a alma mal ferida e para sempre dolorosa. O afastamento, a ausência da terra natal, o exílio, como, imitando a Gonçalves Dias, lhe chamou que este era de todo avesso.

campestre, que para as almas sensíveis como a sua se encante de prestígio ignorado do vulgo. La de longe cantou a sua terra, os sítios da sua infância, as suas recordações de toda a ordem, avivadas pela saudade, com sentida e comovedora emoção. As penas de amor e de saudade fiziam-no o poeta que foi. Toda a sua carta vida, ainda depois de restituído a sua terra, uma saudade incerta, uma indelíndia nostálgica lhe fixava somenos em emoção da terra, uma alma como um ferrete daquela penas. E o nosso povo, que do português herdou o senso desses dois sentimentos, em a nossa raça bramidos, na mesma emoção, achou porventura em Casimiro de Abreu o mais fiel interprete das suas próprias comodões, eximias, primárias, do amor do torrão e da mulher querida. Pelo que é Casimiro de Abreu o poeta brasileiro que o nosso povo mais entende e a quem mais quer. Amava-o, recitava, cantava, fazendo um poeta popular, em certos meios quase anônimo. Comprovou este asserto o fato de ser Casimiro de Abreu de todos os nossos poetas, excetuando o Gonçaga, certamente o que tem sido mais vezes reimpresso, total ou parcialmente. As suas *Primeras* tiveram pelo menos, oito edições.

Voltando diante e abatido à terra natal, a vista daquelas ceias tão choradas no exílio onde lhe na alma doente acentos raro atingidos pela nossa poesia. E deles se haviam de inspirar Luiz Guimarães Júnior, Lucio de Mendonça e outros que cantaram iguais estados d' alma:

Ex meu lar, minha casa, meu amado, A terra onde nasci, meu teto amigão. A gruta, a sombra, a solidão, o rio Onde o amor me nascido, cresceu e fôrdo.

Os meus campos que eu deixei Igrejinha, Arvores novas, tanta flor no prado! Oh! como é linda, minha terra linda, — Noiva encantada para o seu noivo!

Foi aquí, foi ali, alem... mais longe, Que eu sentei-me a chorar no fim do dia.

— La virja e atalha que vai dar na várzea,

— La barra por onde eu subi... —

Acho agora mais seca a cacheira Onde bimbi meu infantil cansaco.

— Como está velho e laranjão tanta lama!

— Onde eu casava e santiagu a laço!

Como eu me lembro dos meus dias

Nada me esquece!... Esquece quem

— Cada pedra que eu pulo ou tranco

Fala-me ainda dessa doce idade

E a casa... as salas, estes móveis,

O crucifixo pendurado no muro,

O quarto do oratório, a sala grande

Onde eu temia penetrar no escuro!...

E da melhor, da mais alta, da mais profunda poesia. Como poeta do amor, não é de mais dizer que Casimiro de Abreu deu à nossa língua, tão rica sob este aspecto, algum dos seus mais comovedores e não mais formosos, cantos. A uns destes os prejudicou, no conceito da geração imediata ao poeta, a mesma popularidade que os vulgarizou nos recitativos de salão, como foram de moda. Não obstante que poemas como *Amor e medo* e *Minha alma é triste*, sejam, sem encarecimento, apesar da sua toada que nos é hoje menos agradável, dos mais belos da nossa poesia.

Com incorreções de forma poética, a que somos depois do parnasianismo demasiadamente sensíveis, tem os em alto traço, sentimento, idealização, emoção da melhor espécie poética, e até, em mais de um passo, peregrinas excelências de expressão. Há em *Amor e medo* notadamente um ardor do vómito ao mesmo tempo contida e exuberante, que lhe realça sobremodo a beleza, e fornecem de sensação e de expressão que não teriam o direito de desdenhar os mais reputados sequazes de Bandeirinha. E forte a sua tradução das tentações

amorosas da carne, como o ditaram estes poetas, e, mais, de todo novo na nossa poesia, se não também na da língua portuguesa:

Alli se eu te vise, Magdalena pura, A mão tremente no valo das tuas, Amarrando o teu vestido branco, Nôz o cabelo nas espáduas tuas...

Alli se eu te vise, Magdalena pura, Sobre o veludo reclinada a meia, Olhos encravados na vóglia devo, Os braços fruxos, palpita... (sic!)

Alli se eu te vise em languidez suave, A mão tremente no valo das tuas, Na face as suas virginais do peito, Tremula a fala, a protestar, Vermelha a boca soluçando um beso...

Desprezados, como necessariamente sucederá dentro em pouco, os preconceitos que a vulgarização de tais versos contraíra; eles crêem, eles nos aparecerão em toda a sua novidade e beleza de sensação e expressão. Ver-se-á o seu realismo de idéias e estilo, nem sequer suspeitado então como fórmula ou processo de escola, do mesmo passo que se lhes sentirá o ardor e a intensidade que desfazem quanto a paixão à cota daquele poeta francês e dos seus discípulos pôs nos versos dos nossos ulteriores poetas. Em que lhes pese ao estúpido desdenhoso pelo verdadeiro e notável poeta que é Casimiro de Abreu, facilmente se verifica que eles lhe sofreram a influência e frequentemente o imitaram, raro o igualando e nunca o excedendo na realidade da emoção nem no sublime da expressão. Pela profundez e sinceridade do seu sentimento poético, tem ele mais razão de viver do que estes: já vive de fato mais do que eles viverão, e o futuro, não duvido, vaticinará, o desforrará cabalmente dos seus tolos desdêns.

Tristeza ingênita, melancolia amorosa, acerba nostalgie, angustioso sofrimento de uma alma rica de ingênuas e ardentes aspirações de glória e de amor. Tudo deu a este delicioso poeta a felicidade dolorosa que ainda no meio dos poetas dolentes da sua geração o distingue. Tinha também, como os outros, o presentimento da morte prematura. Mas de um poema seu o declarou o revere:

A um amigo recém-morido dríria.

Dorine, tranqüila à sombra de cipreste... (sic!)

— Não tarda a minha vez:

Com efeito, dois anos depois finava-se com vinte e três de idade, na sua fazenda ou sítio de Indaiássu, no torrão natal, às cinco horas e vinte e cinco minutos da tarde do dia 18 de outubro de 1860. (2)

(1) V. Casimiro de Abreu, por C. Monteiro, Revista Popular, Rio, 1885, XVI, 301. Isto por Teixeira de Melo, Gazeta Literária, Rio, 1884, I, 124.

(2) Monteiro, artigo citado.



Busto de Casimiro de Abreu na Praça das Flechas, em Niterói

EFEMÉRIDES

DA ACADEMIA

3 DE OUTUBRO — Nasce no Rio, Carlos de Laet

5 DE OUTUBRO

1799 — Nasce Evaristo da Veiga.

9 DE OUTUBRO

1853 — Nasce José do Patrocínio.

10 DE OUTUBRO

1514 — Eleito de Alberto Faria para ocupar a cadeira n.º 18.

11 DE OUTUBRO

1901 — Falecimento de Francisco de Castro

A VIDA E A POESIA DE CASIMIRO DE ABREU

(Continuado da página 150)

O falecimento da farinha, Foi dia que o mío no peito Apontando ao coração, E agora — por vida minha, Tu verás, ó mortiminha, Tu verás se eu cumpro ou não!... (3)

Não vejo que seja mister desenvolver, demasiado a caraterística deste poeta imensamente conhecido. Basta uma só nota mais.

Não tinha defritos? Por certo os tinha, e entre eles o principal e por vezes descambava na vulgaridade até calar na prosa. Isto, porém, é raro.

Se faz esta declaração é no intuito de evitar a transformação deste livro num compêndio de elogios. Meu alô não é encantar nem vituperar. Compreender e explicar, eis o fim da crítica, sabemos-lo hoje.

(4) Obras Completas de Casimiro de Abreu, sexta edição, pag. 206

Casimiro de Abreu em face do modernismo brasileiro

(Continuado da página 150) ve tempo de dar o óra que era de esperar-se aí. Deixou-nos um ensaio, um ensaio admirável, tão admirável que é preciso que o amemos. Os quilos de açúcar e os litros de farinha de mandioca que vendeu no bateado acanharam-lhe a vida. E como essa vida foi curta... Agora de

a Casimiro de Abreu um parárico que o admirasse; de-lhe uma mesada gorda; de-lhe gravatas; ponha-lhe numa mula bem arreliada, com dots camaradas atrás com as malas, a caminhar da Corte e das mulheres; ponha-lhe nas veias um sanguíneo; suspenda a obra da tuberculose por mais alguns anos; e V. verá Casimiro de Abreu morrendo aos 30 anos, tísico sim, parem tendo deixado uma obra mais vasta, mais forte, uma obra a ponto de vista parcialista tão grande quanto a de Gonçalves Dias e a de Castro Alves.

Sei perfeitamente que Castro Alves morreu com a mesma idade. Mas há a considerar as diferentes maturidades do espírito. Castro Alves, no meu entender, se vivesse mais; dez anos, não daria obra melhor que a que fez. (Casimiro de Abreu)

Casimiro, no entanto, esse faleceu; não rendeu ainda vida. Castro Alves deixa "a sua obra". Casimiro deixou "areias" um ensaio da sua obra".

E final, eu posso estar errado. Nunca sabemos quando andamos certos ou errados. E tudo, no terreno do pensamento, no no mundo do pensamento, que nos falemos...

Concluindo: sou portanto do Casimiro. Porem um tanto ligeiramente diferente do óbvio! A porção de sangue que se conservou foi areias a que constitui, na minha opinião, o fundo irredimível da "poesia" de

Oui de "poesia"?

Poemas em prosa

MURILLO MENDES

A DAMA DO MAR

Pôs-teus olhos tu és mar — pela tua alma é pedra.

Existe um resto de sercia no formato de tuas coxas.
Balancas nostalgiamente os quadris. E canta para a morte,
pelando os viajantes.

Foste criada para os navios, para respirar as tempestades. Não
amoras com nenhum homem. Tua calcinha pertence aos
ventos. Os marinheiros mostram a seus filhos tatuagens re-
presentando tua cabeça. E's a amante abstrata de todos. Não
pertences a nenhum. Teu canto dirige-se mais para a morte,
do que para a vida.

Esperas voltar para a água.

ESPOSOS

Expulsam-nos para sempre do Paraíso. Jamais te ouvirei can-
tar à beira do grande rio azul.

As plantas, os animais, os aviões fogem da nossa vista.
Dante de nós somente estas vastas construções de pedra.
Não temos mais onde comer. Não sabemos mais amar.
Afiavam máscaras contra gás asfixiante em nosso rosto.
Escrevem em letras de fogo no alto do céu: MORREREIS.

Já somos nossos esqueletos.

VIOLETA

Nos encontramos na origem dos tempos — é por isto que
vivemos a nos procurar — e naquele jardim polvo. Um
geno de fera — um piano bárbaro — interrompe o ilúo.

Aquelas nuvens monsunciais no céu parado...

Tua irmã penteia os cabelos olhando o mar — e tem ciúmes
de mim. Prepara-se para as longas confidências noturnas
conigo. Tua vislumbre te espreitam e confablam. Como
se estuda macroscopicamente o amor!

Entras em casa outra vez — abraças e beijas tuas irmãs com
uma ternura maior. Olhas quasi com desprezo para seu re-
trato de primeira comunhão; entretanto é a mesma mulher

O DITADOR

Sentime na madeira de pedra. Desenrolai as profecias e lede a
história passada, presente e futura de todas as gerações.
Cerecas-me de dansas violentas vermelhas de músicas de to-
das as épocas e de todas as gerações. As mulheres deverão
parir em plena praça pública ao som de hinos tristes. Os ho-
mens deverão morrer em plena praça pública ao som de hinos
de alegria.

Transportai minhas amadas para os altares. Perfume, músicas
violentas, dansas! Abrigemo-nos na tempestade de pe-
dra. Já está escrito de nós e de nossos filhos até a con-
sumação dos réculos.

UMA E ÚNICA

Ela veio dos céus de bronze — arfando — empurrada pelos tem-
pestais — dansa mais do que anda.

Quantos anos tem esta mulher? Não tem época. Não foi ge-
rada segundo a carne. Só as estrelas poderão falar sobre
seu nascimento.

Assiste impassível à destruição dos corpos e à derrubada dos al-
tares. Os homens emigram para lhe buscarem flores ra-
ras; e lhe oferecem corações, pensamentos, pernas, braços.
E os guerreiros lutam porque ela existe. E os operários
trabalham porque ela existe. E os poetas escrevem porque
ela existe. E seu poder se prolongará através dos célos
das gerações.

O exquisito cantor da saudade

(Continuação da página 100)

Mas como às vezes sobre o céu sereno
Corre uma nuvem que a tormenta guia,
Também a lira alguma vez sombria
Soita gemendo de amargura um treno.

São flores murchas; — o jasmim fenece,
Mas baixado se erguerá de novo,
Bem como galho de gentil renova
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Com todas as irregularidades apontadas na sua arte de
poeta, e todos os desvios da sua sintaxe negligente, Casimiro pos-
suia um saboroso estilo colorido, sensível, personalíssimo. A igno-
rância tranquila de qualquer sistema filosófico, literário ou
científico, deu-lhe a sorridente sabedoria que vem de uma al-
ma livre, sem compromissos de nenhuma espécie, clara e trans-
parente como um velo de água que, na sua humildade rasa e
confiante, vai refletindo o mundo sem sentir, e levando em
cada patinha mobil e errante, ora o brilho da estrela milenar,
ora a sombra da asa efêmera e passageira.

PÁGINA DO DIA:

INFLUÊNCIA DO CINEMA NA VIDA MODERNA

Aníbal Monteiro Machado — literariamente. Aníbal Machado — nasceu em fins do século passado, em Sabará, Minas Gerais. Ans 12 anos começou a sua instrução, a princípio interno em um colégio de Belo Horizonte, logo depois externo do Ginásio Mineiro. Matriculou-se na Faculdade de Direito daquela cidade, tendo-se transferido, no correr do curso, para a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Bacharel, foi nomeado promotor público no interior de Minas. Foi depois professor do Ginásio de que tinha sido aluno. Transferindo-se para o Rio, foi professor de literatura no Pedro II. Hoje ocupa o cargo de encarregado geral dos Festejos.

Sua obra acha-se toda inédita, tendo ele escrito um romance de intenso ritmo subjetivo e mesmo suprealista, que se intitula "João Ternura Lúrico e Vulgar". Tem publicado notáveis trabalhos, contos, ensaios sobre história da arte e da literatura, poemas em prosa, destacando-se entre eles algumas conferências sobre poetas da língua inglesa, como a que dedicou a Shakespeare, a que dedicou a Edgar Poe e a que dedicou a Walt Whitman.

INFLUÊNCIA DO CINEMA NA VIDA MODERNA

Eu vos trouxe de muito longe

Uma pensão para a irmã do poeta

Albina Marques de Abreu Paes, irmã de Casimiro de Abreu, fundou a sua vida em grande penuria. No arquivo da Academia Brasileira, tivemos ocasião de espiar um requerimento do pinho dela, bem revelador das necessidades que estava padecendo em 1921.

Diz esse documento:

"Exmo. sr. presidente da
Academia de Letras

Albina Marques de Abreu Paes, maior de 77 anos de idade, residente nesta cidade, única irmã sobrevivente do poeta Casimiro de Abreu, lutando com dificuldades de vida, e seu que o seu estado de saúde lhe permite ganhar honestamente como o fazia até certa época no projetado, vem rogar a V. Exc., em nome da memória da seu preceido irmão, que essa dourada Academia de Letras lhe conceda a graca de uma pensão mensal, de maneira a lhe tornar possível os seus últimos anos de existência.

P. decretado.

Rio de Janeiro, 28 de agosto
de 1921.

(a) Albina Marques de
Abreu Paes".

Esse requerimento foi lido na sessão de 1 de setembro de 1921, e deferido.

Albina Paes mandou então ao sr. Ataulfo de Paiva a seguinte carta de agradecimento:

"Exmo. sr. desembargador
Ataulfo Nápoles de Paiva

Tem por fim essa, agradecer a V. Exc. e aos dignos membros da Academia de Letras, o grande e inestimável favor a mim feito e como uma homenagem a meu querido irmão Casimiro de Abreu, concedendo-me uma pensão vitalícia, e que constituirá o arrimo de minha velhice.

Gratim. Vena. Obda.

(a) Albina Marques de
Abreu Paes".

ge, das raízes mesmas dos el-
emas para chegarmos até aqui.
Mas, em compensação a não
ser que queríamos ouvir de man-
eira que quisiéramos, estáis em
condição de tirar por conta
própria as vossas conclusões.

Se considerardes que o bom
cine pode colher o indivi-
duo ainda num grau inferior
de cultura e tal elevá-lo à
compreensão da grande arte e
o sentimento da poesia, ao pas-
so que diante de uma obra
prima musical, plástica ou li-
terária, esse mesmo indivíduo
difícilmente experimentará ao
primeiro contacto outro senti-
mento que não seja de tediou
ou incompreensão; se consider-
ardes ainda que as maior s-
crições da tela podem comover e
penetrar o mais rude espírito,
ao passo que as obras pri-
mas de um Bach, ou de um
Goethe, ou de um Picasso não
lograria esse resultado im-
ediato. — poderéis avaliar qua-
podrosa, inumerável e insinua-
tória é a influência do cinema
na vida do homem de hoje.

Arte popular e coletiva e sob-
retudo as multidões que ela
se dirige. As analfabetos e
aos requintados. Pela universal-
idade de sua linguagem, pela
comunicabilidade de seus meios,
pela soma de valores que
gera e divulga; pelo alargamen-
to de vida que traz; pela sua
incalculável expansão. Daí a
sua influência no comporta-
mento humano, na concep-
ção da vida, na maneira de sen-
tir e de amar, nos usos e costu-
mes e na indumentária. Os
gaúchos alteram as suas ve-
tementas características, tra-
cando a bombacha pelo cinto
do "cow-boy". Os nossos ne-
grinhos da cidade dancam também
como os seus irmãos da América.
Até as moças da provin-
cia mais remota seguem os
penteados dominantes em Holly-
wood. E muitos daqueles ou
daquelas que acaso encontram
em semelhanças fálicas com astros
e estrelas do cinema, se
julgam satisfeitos da vida e fi-
cam para sempre perdidos na
maior contemplação idiota de si
mesmos.

De tal maneira está o cine-
ma incorporado às nossas ne-
cessidades que as gerações de
vinte anos o supõem existir há
seculos, ale que nasceu outro
dia. A máquina de projeção joga
diariamente na tela, em todas
as cidades do mundo, as ima-
gens de objetos, de seres e sen-
timentos, imagens da vida real
e da falsa vida.

Ja imaginastes qual possa ser
o efeito de uma obra darte ofe-
recida quase de graça à popu-
lação de uma cidade do inter-
ior?

Todos ficam ansioso pela
terminação do dia, para o mo-
mento do grande exibate. Um
homem qualquer, analfabeto e
obscuro, vai tomar conheci-
mento dos fatos recentes que
se passam na linha da frente
do mundo através das atuali-
dades dos cine-jornais; vai
compreender melhor e sentir
pelos filmes de ficção o paixão-
mo humano, nas suas complica-
das reações e conflitos; vai
admirar depois o voo do alim-
ante Byrd ao Polo Sul, ou a
correnteza do Amazonas encan-
chinhando-se para o mar; vai
ver como se planta algodão,
como se constrói uma represa,
como se trabalha numa mina;
vai, enfim, sentir-se alguém
parceira de um mundo cujas
vibrações lhe chegam aos ouvidos
e aos olhos, de um mundo que
ele quer também ajudar a
construir.

As imagens o acompanham
noite a dentro, ate se diluiram
na nebulosa do sub-consciente.
Ele as contemplou no retângulo
luminoso, admirando as
riquezas da criação e a diversi-
dade dos sentimentos que
agitam a humanidade. O ho-
mem sentado em qualquer cí-

ANIBAL MACHADO
(De "O Cinema e sua in-
fluência na vida moderna")

nema de qualquer lugarejo da
terra assiste ao desfile das tor-
mas e aparenças do mundo,
vê o drama dos outros e se re-
conhece irmão dos seus irmãos
de outras raças. Assiste a passa-
gem do que é visível, e do
que lhe parecia invisível.

Ha uma circulação secreta
das forças da matéria. Tudo
é ritmo e movimento tanto no
mundo cósmico como no mundo
espiritual. A vida aparece e se
manifesta. A alma das cou-
sas está no seu movimento, não
na sua inércia.

As formas gesticulam; e se
combinam numa continuidade
harmoniosa. De tudo resultará
a visão sintética do mundo, a
verdadeira imagem do Universo
e da Vida.

A Ciência coloca à disposição
do homem o mais poderoso
instrumento com que ele
possa exprimir-se. Que seria da
humanidade de hoje sem o cine-
ma? Que será do cinema se
condições estranhas a sua es-
cência o impedirem de trans-
mitir e divulgar os anseios pro-
fundos do homem de hoje?

AS "PRIMAVERAS"

Justino José da Riva

Nos dias de prosaico positivismo
em que vivemos, acabam as
letras brisantes de receber
nos um mimo.

O sr. Castimiro de Abreu acaba
de publicar as suas "Primaveras".
Cumpre ser moço na verdade,
para no meio da indiferença que
enreja a sociedade, no
meio do borbotinho metaílico
que só a todos os ouvidos re-
mantar a voz sonora e dizer a
essa sociedade egoísta — Aten-
de-me! — vou cantar os segredos
dos terrenos da alma humana;
vou expor-vos na língua a
mais doce e harmoniosa os sen-
timentos que estão nos nossos
coração em todos os corações,
mas de que tão acurada-
mente vos distrais. — Cumpre
ser moço para tentá-lo, e cum-
pre ter recebido do céu essa sub-
lime inspiração, que constitui
a verdadeira arte poética, para
conseguir-lo. O sr. Castimiro
de Abreu o conseguiu; seus ver-
sos são infindos, ricos de melo-
dias, apropriados ao assunto,
doce como elas. Qual e o ar-
sunto? Podeis perguntar-ló? O
que pode cantar um moço se
não o que lhe transborda do
peito? — O amor.

A saudade da pátria, a con-
fiança nos destinos dela, saudade
da família, a lembrança do
afago materno, do berço do ir-
mão, tudo isso inspira o poeta;
tudo quanto é sentimento terno
acha-se no seu tesouro. E' po-
rém o amor que mais constante
lhe faz vibrar o coração.

Não lhe escasseando o devido
tributo de louvor e de anima-
ção, a noite imprensa deve
mostrar ao jovem poeta que
nem tudo está tão frio, nem
tudo é tão indiferente como pa-
rece: aqui e ali ainda datem
corações simpáticos a todos os
sentimentos nobres, nobre-
mente exprimidos, e não faltam es-
píritos que presentes e cultuem as
belas-letras.

Se para esses quiser viver o
sr. Castimiro de Abreu, se tiver
coragem de dizer aos ma-
res "Odi prolanum vulgus et ar-
ca", — animações lhe não há
de faltar, e longe de retrair-se
da língua, depois de tão bela es-
trela, acrecentarão suas cor-
das à sua lira, aprofundarão o
seu talento de metrificação que
mostra possuir, em alguma
composição de mais alento. Pa-
ra então o aguardarmos nos que
hoje com tanto prazer lemos os
seus versos e os aceitamos co-
mo um agorão ou uma prome-
sa, para coloca-las na primeira
linha dos nossos vates e mos-
trar com análise de critico os
seus titulos a essa glória.